

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOECONOMIA E COMUNICAÇÃO

A história da cidade nas páginas dos jornais — um olhar sobre os usos da informação ambiental numa escola de Porto Alegre

Gisele Souza Neuls

Porto Alegre
2004

Gisele Souza Neuls

**A história da cidade nas páginas dos jornais —
um olhar sobre os usos da informação ambiental
numa escola de Porto Alegre**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção de grau em Bacharel em Comunicação Social — Jornalismo.

Orientadora:
Profª Drª Ilza Maria Tourinho Girardi

Porto Alegre
2004

AGRADECIMENTOS

Pesquisar é realmente uma aventura e para aventurar-se é sempre preciso estar cercada de alguma companhia. Nessa jornada em busca de mais entendimento sobre as responsabilidades da minha profissão, algumas pessoas foram de extrema importância, e não poderia deixar de registrar aqui minha gratidão à elas. Assim, agradeço à minha orientadora, Profa. Ilza Girardi, pela paciência e confiança; à direção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Judith Macedo de Araújo, por ter permitido que desenvolvesse minha pesquisa e oferecido as condições necessárias para tal; à professora Cleonice Carvalho pelo entusiasmo contagiante diante dos desafios de se construir uma sociedade sustentável; à professora Rita Cristina pela acolhida amorosa; aos colegas do Núcleo de Ecojornalistas/RS pela confiança e carinho e aos da Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais, pela disposição em esclarecer dúvidas. E por fim, à minha mãe Celina, pelo apoio e compreensão; e à minha irmã Janaína, companheira nessa e em tantas outras aventuras, agradeço pelo amor vigilante, pela disposição em ler meus escritos, discutir minhas idéias e questionar minhas certezas. Janaína é parte fundamental desse processo e sem sua ajuda, este trabalho certamente não seria o mesmo.

*Não: Não quero nada.
Já disse que não quero nada*

*Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.*

*Não me tragam estéticas!
Não me falem de moral!*

*Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me
enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!)
Das ciências, das artes, da civilização moderna!*

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

*Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da
técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?*

(Álvaro de Campos)

RESUMO

Este trabalho é um estudo de caso sobre os usos dos meios de comunicação em sala de aula para educação ambiental. Foi realizado em uma escola municipal de Porto Alegre, analisando como uma professora de história trabalha o processo de ocupação de Porto Alegre e os impactos ambientais de sua urbanização, utilizando, entre outros recursos, recortes de jornais. A pesquisa tem por aporte teórico os estudos sobre educomunicação, educação ambiental, desenvolvimento sustentável e jornalismo ambiental, traçando elos entre esses diversos campos a fim de mostrar as possibilidades educativas da comunicação e especificamente do jornalismo ambiental, bem como os desafios postos tanto à educação quanto à comunicação para o desenvolvimento de sociedades sustentáveis; a metodologia está fundamentada nos estudos de recepção. Os dados permitiram a identificação de três categorias de análise: o uso instrumental da comunicação; a educação pela comunicação e a formação do pensamento ambiental. Foi possível perceber que a comunicação possui um caráter educativo, na medida em que pela comunicação as pessoas podem acessar informações que, se aceitas como verdadeiras, podem transformar seus olhares sobre determinados problemas e modificar sua maneira de agir e pensar em relação a eles.

Palavras-chave: comunicação, educação ambiental, jornalismo

SUMÁRIO

Capítulo I

LIAMES E TRAMAS: TECENDO A PESQUISA.....	07
---	-----------

Capítulo II

AMBIENTE, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: ENCONTRANDO O FIO DA MEADA.....	13
O surgimento da preocupação ambiental.....	15
Desenvolvimento sustentável e saber ambiental.....	16
Educação ambiental e comunicação: alguns cruzamentos.....	22
O papel da Comunicação.....	25
O papel da Educação.....	30

Capítulo III

CAMINHOS METODOLÓGICOS: DEFININDO UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO

AMBIENTAL NA ESCOLA.....	35
Encontrando a escola.....	40
Perfil da escola e comunidade.....	41
Grupo Amigos do Verde - o trabalho de educação ambiental.....	44

Capítulo IV

A HISTÓRIA DA CIDADE NAS PÁGINAS DOS JORNAIS: USO DA INFORMAÇÃO

AMBIENTAL EM UMA AULA DE HISTÓRIA.....	47
O uso instrumental da comunicação como recurso didático-pedagógico.....	49
O uso educativo da comunicação.....	52
A formação do saber ambiental.....	56

Capítulo V

ENSAIANDO UMA CONCLUSÃO E APONTANDO NOVOS CAMINHOS	59
---	-----------

Referências.....	63
-------------------------	-----------

Anexos

CAPÍTULO I

LIAMES E TRAMAS: TECENDO A PESQUISA

Pesquisar é uma aventura, [...] Pistas, intuições, suspeitas, dúvidas merecem ser objeto de atenção, e não deveriam ser descartadas sem antes perscrutar-se cuidadosamente várias possibilidades de conectá-las com aquilo que está sendo investigado. (COSTA, 2001, p.151)

As questões ambientais despertam meu interesse desde o Ensino Médio, quando consumia vorazmente as edições mensais da revista *Os Caminhos da Terra*¹. A plasticidade das fotografias dos lugares mais belos do planeta e recantos intocados como a praia nordestina Jericoacoara, ainda naquela época uma simples vila de pescadores, fazia com que desejasse conhecer de perto esses paraísos naturais e despertava um sentimento de apreço pelo ambiente natural, tão carente de preservação. *Os Caminhos da Terra* tinha alguma inspiração ecológica e costumava trazer reportagens bastante ricas, abordando também a cultura dos lugares visitados – uma leitura decisiva para minha escolha profissional. Era isso que eu desejava fazer: conhecer lugares e depois contar o que havia visto para quem não podia estar neles.

Em 1999, no primeiro ano do curso de jornalismo, eu participava de um grupo interdisciplinar na Faculdade de Educação² que desenvolve há cerca de dez anos trabalhos de pesquisa e ação social junto a mulheres recicladoras na cidade. Esse envolvimento proveu de

¹ Publicação da Editora Três, na época, hoje pertencente à Editora Peixe, com uma ênfase maior ao ecoturismo.

² Atuei como Bolsista de Iniciação Científica, sob a orientação da Profa. Dra. Jaqueline Moll, de junho de 1999 a dezembro de 2000, e lá participei do Grupo das Quartas, coordenado pelo Prof. Dr. Nilton Fischer, colega de pesquisa da Profa. Jaqueline Moll. O Grupo das Quartas agrega estudantes de graduação e pós-graduação, além de professores voluntários. A ênfase da pesquisas e ações desenvolvidas pelo Grupo é educação popular, mas ele não se furta do trabalho de educação ambiental, uma vez que as mulheres recicladoras estão inseridas em contexto e discurso intimamente ligados a um dos mais atuais e urbanos problemas ambientais: a destinação dos resíduos sólidos.

mais reflexão o olhar sensível às questões ambientais, levando-me à compreensão de que meio ambiente não existe apenas no Pantanal e na Floresta Amazônica – uma visão até então romântica da natureza. Vivemos em um período bastante crítico em que muito se fala em meio ambiente, e ainda assim os problemas crescem e se agravam a cada dia. A esperança de muitos reside na capacidade de nos educarmos e educarmos as gerações mais jovens para uma outra atitude em relação à nossa casa, o Planeta Terra. Apesar da interessante experiência de orbitar por outra área do conhecimento, uma pergunta inquietava-me a todo tempo: o que eu, atuando como jornalista, poderia fazer?

Algumas pistas começaram a surgir quando tomei contato com o que descobri chamar-se jornalismo ambiental, durante o Fórum Interamericano de Jornalismo Ambiental, ocorrido em Porto Alegre em 2000. A partir desse evento, comecei a participar da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, na qual entrei em contato com profissionais de diversas partes do país, além de professores e pesquisadores. Essa foi a porta de entrada para um maior engajamento com a temática, o que de fato se deu a partir de uma série de fatores, mais ou menos simultâneos: me tornei membro do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul; participei da Romaria das Águas de São José dos Ausentes, como bolsista de Iniciação Científica³, realizando diversas tarefas tanto como pesquisadora quanto como comunicadora; além de exercer na prática o jornalismo voltado para as questões ambientais como repórter da EcoAgência Solidária de Notícias⁴ e produtora do programa Sintonia da Terra, na Rádio da Universidade⁵. A conjunção dessas atividades me ofereceu uma práxis valiosa, já que pude

³ Fui bolsista do Programa PIBIC/CNPq, sob orientação da Profa. Ilza Girardi, no Projeto *Comunicação para a sustentabilidade: a Romaria das Águas como estratégia de educação ambiental em São José dos Ausentes/RS*, de agosto de 2002 a setembro de 2003.

⁴ A EcoAgência Solidária de Notícias <www.ecoagencia.com.br> é uma agência *web* experimental organizada pelo Núcleo de Ecojornalistas/RS durante o III Fórum Social Mundial, que vem sendo mantida com o trabalho voluntário de diversos jornalistas.

⁵ Programa semanal de informações e entrevistas sobre temas sócio-ambientais, produzido em parceria com o Núcleo de Ecojornalistas/RS, cuja equipe é composta, além de mim, pelas ecojornalistas Adriane Bertoglio Rodrigues e Guta Teixeira.

refletir sobre as características e necessidades de um fazer jornalístico engajado com os temas sócio-ambientais e ao mesmo tempo buscar práticas adequadas a essas reflexões.

Do encontro entre comunicação e educação é que surge o problema de pesquisa desse trabalho. A inquietação em relação as minhas possibilidades enquanto jornalista de colaborar com essa necessária transformação da sociedade, especialmente a ocidental, em relação ao ambiente, voltou minha atenção para a educação ambiental, e levou-me a perceber que muitos produtos da comunicação são utilizados em sala de aula para trabalhar diversos conteúdos nas aulas de ciências, português, geografia, etc.

Daí a necessidade de verificar como professores e professoras utilizam suportes midiáticos como recurso didático para trabalhar educação ambiental; como são selecionados os recortes de jornais e revistas para esse trabalho; como se dá a preparação desse material e do próprio educador ou educadora; para analisar, finalmente, quais são e como se dão os usos da informação ambiental.

Meu objetivo é saber que usos são feitos em sala de aula da informação reproduzida nos jornais, e que usos os estudantes fazem dessas informações, pois entendo que isso pode apontar possibilidades e responsabilidades do fazer jornalístico, e mais especificamente para o profissional que lida com a informação ambiental ou científica em algum momento.

A comunicação possui um potencial educativo explorado tanto pelos profissionais da comunicação como por atores sociais envolvidos com processos educativos. Não é por outro motivo que a mídia de massa tem sido alvo preferencial de campanhas de saúde pública que levam a toda a população mensagens sobre o uso de preservativos; o auto-exame para prevenir câncer de mama; as formas de propagação do mosquito da dengue, entre outras.

É pacífico afirmar que a mídia educa de muitos modos e uma das formas de constatar isso é olhar a preocupação dos educadores e educadoras em compreender esse produto cultural. A mídia circula nas salas de aula diariamente através dos programas de televisão

assistidos e comentados pelos estudantes, revistas jovens, programas de rádio, cinema e vídeo. Alguns estudiosos da educação, inseridos nos Estudos Culturais, vêem essa presença como algo importante de ser estudado e compreendido, na medida em que são produtos da cultura constituidores de discursos e identidades.

Inserida em uma perspectiva teórica mais próxima a este trabalho — a pedagogia de Paulo Freire — a mídia é objeto de reflexão para educadores no Brasil desde nos anos 1960, quando ganharam corpo as discussões sobre educação para a comunicação, no bojo das quais surge a União Cristã Brasileira de Comunicação — (UCBC) — (COGO, 2001, p.36). O encontro entre comunicação e educação parece ser freqüente de ambos os lados. Uma busca no Diretório de Grupos do Portal do CNPq⁶ mostra a existência de 13 grupos vinculados à área Educação que possuem a palavra mídia em seus nomes ou palavras-chave; assim como 24 grupos vinculados à Comunicação mostram a palavra educação.

Assim, observando – através de leituras e conversas com educadoras próximas – as diversas formas de presença da mídia nas salas de aula, escolhi reportar meu olhar para um aspecto específico, qual seja, os usos que professores e educandos fazem da informação ambiental enquanto trabalho pedagógico planejado. Para isso, tornou-se necessário buscar uma escola que inserisse a educação ambiental em seu cotidiano e não apenas como obrigação curricular. Busquei uma escola pública por entender que a universidade pública na qual estudo deve voltar-se para as necessidades sociais do país e buscar modos de socializar o conhecimento produzido entre seus muros, principalmente para as parcelas da cidade que possuem poucas possibilidades de acesso a esses conhecimentos.

Conheci o trabalho da Escola Municipal Judith Macedo de Araújo, de Porto Alegre, através de uma palestra da Profa. Cleonice Carvalho, coordenadora do Grupo Amigos do

⁶ Busca feita na Plataforma Lattes, Diretório de Grupos, no *site* <<https://www.cnpq.br>> em 18 nov 2003, com os seguintes critérios: busca avançada utilizando as palavras “mídia+educação”, selecionando como filtro a área específica Educação, que resultou em 13 grupos cadastrados na base de dados do Conselho em 2002; e busca utilizando as palavras “educação+comunicação”, selecionando como filtro a área específica Comunicação, que resultou em 24 grupos cadastrados em 2002.

Verde, que trabalha com as diversas questões referentes ao ambiente do bairro onde sua escola se situa, o Morro da Cruz. Assim, conversando com a Profa Cleonice, cheguei até as aulas de história da Profa. Rita Cristina Menezes Teixeira, que usa constantemente recortes de jornais para observar o desenvolvimento urbano da cidade e seus impactos sobre o ambiente.

Para realizar o trabalho de pesquisa, escolhi observar algumas aulas de história do 3º ano do 3º Ciclo — equivalente ao último ano do Ensino Fundamental. Além das observações, optei por realizar entrevistas semi-estruturadas com a professora e um grupo de estudantes, a fim de verificar mais especificamente os usos dos jornais feitos por eles. Para a pesquisa bibliográfica elegi duas áreas de investigação: educomunicação e saber ambiental, além de amparar-me em alguns textos sobre estudos de recepção, dado que meu trabalho pode ser considerado como tal.

No segundo capítulo está contada um pouco da história de como se constitui a preocupação sócio-ambiental na forma como a conhecemos atualmente. Além disso, faço um apanhado teórico apontando os diferentes conceitos de desenvolvimento sustentável, a crise civilizatória contemporânea e as bases que constituem o saber ambiental, necessário para a transformação da percepção acerca das formas como nos relacionamos com nosso planeta. É nesse capítulo também que estabeleço as relações entre educação e comunicação, especialmente no que tange a educação ambiental.

O terceiro capítulo é dedicado à contextualização da escola onde desenvolvo a pesquisa, bem como à metodologia utilizada. É aqui que o leitor e a leitora ficam conhecendo o projeto de educação ambiental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Judith Macedo de Araújo, bem como a linha de estudos de comunicação onde meu trabalho pode se inserir — os estudos de recepção. No quarto capítulo, faço a análise dos dados coletados, conectada com o aporte teórico do segundo capítulo e já apontando caminhos para as considerações finais.

Em anexo, está a gravação das entrevistas, o projeto da professora Rita Cristina Menezes Teixeira e o material utilizado nas aulas observadas.

CAPÍTULO II

AMBIENTE, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: ENCONTRANDO O FIO DA MEADA

As idéias que defendo aqui não são tanto idéias que possuo, mas sobretudo idéias que me possuem. (MORIN, 2001, p.32).

Os problemas ambientais são talvez os mais graves problemas a serem resolvidos neste século, pois dizem respeito à própria sobrevivência da vida na terra. Por envolverem aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, são também um grande desafio para a educação, na medida em que é preciso fomentar um outro olhar sobre o mundo, um olhar capaz de perceber a responsabilidade de todos na preservação da vida no mundo. Esse também é um desafio para a comunicação — e especificamente a mídia: possibilitar a difusão de informações e conhecimentos capazes de transformar a percepção das pessoas sobre o mundo.

A modernidade ocidental, que embarcou nas galenas européias durante o século XVI e se delineou mais nitidamente nos dois séculos seguintes com pensadores como Galileu, Descartes e Comte, instituiu uma racionalidade ocidental calcada na razão como único meio de conhecer a verdade, no método científico lógico-matemático e na superioridade do homem sobre os demais seres vivos. Essa racionalidade alavancou o desenvolvimento tecnológico que hoje nos parece essencial à sobrevivência humana e colaborou para o desligamento da humanidade de sua condição terrena e principalmente de sua responsabilidade com a manutenção da vida na Terra.

Tal como a Expulsão do Paraíso que impinge aos cristãos a idéia de que estamos em um lugar de passagem e que apenas após a morte retornaremos ao lugar maravilhoso onde

fomos criados, a crença no progresso tecnológico deu à sociedade ocidental a ilusão de que é preciso subjugar os recursos naturais para a criação de artefatos industriais capazes de nos garantir conforto, segurança e longevidade. A natureza, sob esta perspectiva, deve ser superada pela inteligência e criatividade humanas — bem como nos foi ordenado no capítulo bíblico da criação.

A racionalidade ocidental vê, portanto, o mundo sob as luzes da razão antropocêntrica, masculina, judaico-cristã e progressista. Um ponto de vista que no século XX mostrou sua capacidade de estressar recursos naturais, sofisticar doenças como alergias e cânceres, além de reproduzir e alargar desigualdades sociais. O mito do progresso mostrou-se incapaz de acabar com a fome e as doenças no mundo, se bem que tem sido muito eficaz naqueles países que fizeram as primeiras revoluções industriais e tecnológicas, os mesmos que ao longo de quase cinco séculos se valeram de políticas imperialistas para aumentar suas riquezas extraindo recursos naturais dos novos mundos muitas vezes até a exaustão, caso do pau-brasil, para citar um exemplo.

Essa racionalidade foi importante na medida em que permitiu diversos avanços tecnológicos e oportunizou descobertas científicas importantes no campo da saúde humana, biologia, geografia, entre outros. O método científico baseado na idéia de dividir para compreender ainda hoje é fundamental para campos científicos e tecnológicos como as engenharias, e mesmo aqui pode mostrar-se limitado. Entretanto, essa racionalidade não é mais adequada para resolver os problemas com que a humanidade se depara. A complexidade dos problemas e do próprio conhecimento torna necessário um olhar reintegrador e uma atitude de compreensão global.

Essa parece ser a raiz dos problemas que desafiam todos os projetos de conscientização sobre a importância da conservação do ambiente, seja natural ou urbano. Como tornar-nos conscientes de que somos parte da biosfera e responsáveis pelo que acontece

nela se vivemos em culturas que nos apartam do ambiente em que vivemos?

O surgimento da preocupação ambiental

A temática sócio-ambiental ganhou destaque, na forma como a entendemos hoje, na metade do século passado, especialmente após a reunião do Clube de Roma, que em 1971 elaborou um relatório alertando para os limites do crescimento. Seguiram-se uma série de cúpulas e eventos mundiais que passavam a ver os problemas ambientais como planetários e, portanto, carentes de ações conjuntas para serem dirimidos ou mesmo resolvidos — soluções essas que pareciam passar sempre pela educação, em grande medida.

Cronologicamente, vieram a Conferência de Estocolmo em 1972; o Congresso Mundial de Educação Ambiental na Geórgia (ex-URSS) em 1977; a criação da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, pelas Nações Unidas, em 1984; a Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92; até a recente conferência em Joanesburgo, em 2002, conhecida como Rio+10.

Todos encontros e ações que visaram à solução conjunta dos problemas ambientais. Apesar das intenções, os tratados e documentos dessas conferências — a Agenda 21 é um exemplo — não foram capazes de diminuir a distância entre os países desenvolvidos e os chamados países em desenvolvimento, ou diminuir a emissão de gases poluentes no Hemisfério Norte. Os governos dos países desenvolvidos seguem adotando medidas de preservação apenas na medida das pressões sociais, e os ditos em desenvolvimento seguem desejando graus elevados do desenvolvimento tecnológico que proporciona, em muitos casos, sérios problemas ambientais.

Entretanto, é preciso assinalar que em paralelo a essas ações de cúpula muitos movimentos sociais floresceram e pressionaram governos por mudanças em relação ao

tratamento das questões sócio-ambientais. Mostra disso é a fundação, em 1947, da União Internacional para a Conservação da Natureza, entidade referência em todo o mundo para políticas de conservação. No Brasil, desde os anos de 1970 é possível perceber nitidamente uma forte movimentação da sociedade civil organizada nesse sentido. Data de 1971 a fundação da mais antiga entidade ecológica ainda ativa do país, a AGAPAN — Associação Gaúcha para Proteção do Ambiente Natural.

Desenvolvimento sustentável e saber ambiental

Tendo em vista estes alertas, é importante pensar em formas sustentáveis de viver neste planeta. Sustentabilidade, entretanto, é um conceito difuso e possui entendimentos diferenciados. Fritjof Capra lembra que um dos entendimentos mais abrangentes foi apresentado pelas Nações Unidas, dando conta de que desenvolvimento sustentável deve ser a capacidade da humanidade atender às suas necessidades sem comprometer a capacidade das gerações futuras também o fazerem. Segundo o físico, é preciso pensar em uma definição operacional para o conceito de sustentabilidade:

A chave para esta definição operacional está em reconhecer que não precisamos inventar as comunidades humanas sustentáveis a partir do zero, mas moldá-las de acordo com os ecossistemas naturais, que são comunidades sustentáveis de plantas, animais e microorganismos. Como a principal característica da biosfera é sua capacidade intrínseca de manter a vida, uma comunidade humana sustentável deve ser planejada de modo que os estilos de vida, negócios, atividades econômicas, estruturas físicas e tecnologias não interfiram nessa capacidade da natureza de manter a vida. (CAPRA, 2003, p. 20)

Caporal e Costabeber (2000) apontam que o conceito de desenvolvimento sustentável proposto pelo Relatório Brundtland⁷ se alinha à corrente ecotecnocrática, para quem os limites impostos pela natureza ao crescimento precisam ser incluídos na gestão do desenvolvimento, para que esse possa manter-se num contínuo. Para os ecotecnocráticos, o livre mercado é um

⁷ *Nosso futuro comum*, relatório coordenado pela Ministra da Noruega Gro Brundtland a pedido das Nações Unidas nos anos 1980.

meio eficaz de assegurar o equilíbrio incorporando as externalidades ambientais. Essa corrente é a mesma leva à espera de que uma nova tecnologia venha amanhã para resolver os problemas ambientais de hoje e não reflete sobre a origem mesma deles, situada precisamente na sede desenvolvimentista do modelo econômico ocidental.

Ao lado desse discurso ecotecnocrático na linha do tempo, os autores colocam a corrente ecossocial, que adverte que o “[...] mercado é imperfeito e incapaz de resolver todos os problemas — especialmente os socioambientais —, podendo, inclusive, gerar um ‘mau desenvolvimento’” (CAPORAL; COTABEBER, 2000. p.20). Para os ecossocialistas, um desenvolvimento sustentável deve ser aquele que “[...] respeite os distintos modos de vida e as diferentes culturas e que favoreça a preservação da biodiversidade” (ibidem, p.21).

Nessa linha, Enrique Leff aprofunda a discussão sobre sustentabilidade, com um olhar mais próximo à realidade latino-americana, em relação a Capra. Professor da Universidade Nacional Autônoma do México, Leff deixa claros os limites da racionalidade econômica e dos desafios ambientais ao projeto civilizatório moderno. Ele aponta que a racionalidade econômica sempre esteve atenta às críticas ao seu modelo de desenvolvimento, assim, quando começaram a surgir as críticas de movimentos sociais, especialmente os do Terceiro Mundo, essa racionalidade tratou de incluir a ecologia dentro de seu discurso:

[...] antes que as estratégias do ecodesenvolvimento conseguissem vencer as barreiras da gestão setorializada do desenvolvimento, reverter os processos de planejamento centralizado e penetrar nos domínios do conhecimento estabelecido, as próprias estratégias de resistência à mudança da ordem econômica foram dissolvendo o potencial crítico e transformador das práticas de ecodesenvolvimento. Daí surge a busca de um conceito capaz de ecologizar a economia, eliminando a contradição entre crescimento econômico e preservação da natureza. (LEFF, 2001, p.18)

O autor ainda atualiza o *modus operandi* da racionalidade econômica, que já tendo incluído a ecologia em seus discursos, agora se apropria da biodiversidade e dos saberes de povos tradicionais do Sul, através de leis internacionais de patentes. É a forma de incluir os países pobres na possibilidade discursiva de atingirem um desenvolvimento igual aos países

do Norte, através da valorização enquanto mercadoria de seu patrimônio genético e cultural.

Essa é a origem da confusão entre as diversas escolas que se utilizam do conceito de desenvolvimento sustentável. O padrão de desenvolvimento ocidental, baseado na reificação da tecnologia, em políticas imperialistas e num padrão de crescimento sem limites nem objetivos claros, rapidamente assimilou o discurso ecológico. Para manter o modelo econômico ocidental, era preciso incluir as externalidades ambientais, ou, nas palavras de Leff, ecologizar os processos produtivos e capitalizar a natureza.

Pode-se fazer uma diferenciação semântica para evitar a confusão de conceitos, utilizando o termo ecodesenvolvimento para as idéias ecosocialistas e desenvolvimento sustentado para o ambientalismo neoliberal.

Leff se alinha ao pensamento de Caporal e Costabeber, lembrando que nos países pobres está em curso um olhar diferenciado sobre o desenvolvimento. Olhar esse que parte das comunidades étnicas tocadas pela necessidade de proteger seu patrimônio natural e cultural. Nesses meios, “[...] o ambiente é constituído de um sistema complexo através da articulação de diversas ciências e do amálgama de diversos saberes, para conduzir um processo de gestão democrática e sustentável dos recursos naturais” (LEFF, 2001, p.47) e completa argumentando que no Sul, “[...] o ambientalismo não surge da abundância, mas da luta pela sobrevivência em condições de uma crescente degradação ambiental” (LEFF, 2001, p. 47).

Capra não nega a importância da tecnologia nos dias atuais, tampouco que ela pode ser muito positiva para a minimização ou solução de diversos problemas ambientais. Cada vez mais surgem estudos sobre tecnologias limpas, ecovilas e combustíveis não-fósseis, por exemplo, de fundamental importância para a reversão do ecocídio a que estamos nos submetendo. Mas é preciso que o desenvolvimento dessas novas tecnologias esteja ligado a uma preocupação com questões como o consumo responsável, justiça social e a preservação

da vida. De nada adianta a adoção de tecnologias limpas sem que se modifique o comportamento consumista, por exemplo, fonte de esgotamento de muitos recursos naturais, bem como não é possível esperar uma nova tecnologia que irá resolver milagrosamente os problemas causados pelas tecnologias utilizadas atualmente.

Como bem destaca Edgar Morin e Anne Brigitte Kern, a humanidade só sairá desse limbo se despertar para sua identidade terrena. A Era Planetária, caracterizada por eles tem seu início com o estabelecimento da comunicação entre as diversas partes do globo. Os autores localizam no século XVI, na época das grandes navegações, o começo mais significativo dessa planetarização de idéias, culturas e mesmo de vidas. A Era Planetária é também a ocidentalização do mundo, com o desenvolvimento do imperialismo europeu, e atingiu sua plenitude no século XX, com o fantástico desenvolvimento das comunicações entre todas as partes do planeta.

E é nesse século também que acontece a face mais terrível dessa planetarização — é a planetarização da ameaça de aniquilamento da vida na Terra com as armas atômicas existentes em diversos países. Morin e Kern alertam que caminhamos para um suicídio coletivo, que não escolhe gênero, nacionalidade ou poder aquisitivo — a ameaça atômica, o aquecimento global, a contaminação das águas, ar e solos atingem a todos que vivem, se alimentam, respiram. A partir dessas reflexões, o autor configura uma analogia da nossa condição com um holograma, mostrando que “[...] tal como cada ponto de um holograma contém a informação do todo de que faz parte, também cada indivíduo agora recebe ou consome as informações e as substâncias vindas de todo o Universo.” (MORIN; KERN, 2001, p. 31).

Eles exemplificam isso apontando o quanto a vida de um europeu está repleta de produtos vindos de diversos países, tais como frutas tropicais e tecidos asiáticos; produtos culturais circulam constantemente entre oriente e ocidente; e mesmo os africanos que vivem

em cidades pobres não escapam a essa mundialização: se não na possibilidade de consumir produtos de origens diversas, certamente suas vidas sofrem os contragolpes do mercado financeiro quando o cacau ou o café produzido em seus países é desvalorizado. Assim, “[...] para o melhor e para o pior, cada um de nós, rico ou pobre, traz em si, sem o saber, o planeta inteiro. A mundialização é ao mesmo tempo evidente, subconsciente e onnipresente.” (MORIN; KERN, 2001, p.33).

Entender que os problemas ambientais contemporâneos possuem suas causas mais imediatas no modelo de desenvolvimento ocidental, que está perfeitamente conectado à racionalidade ocidental, ao pensamento cartesiano, iluminista, antropocentrismo, lógico-matemático, nos leva a constituir as bases para a reflexão acerca do saber ambiental necessário para a transformação desses padrões. Leff dá algumas pistas de como é possível caminhar em direção a esta transformação:

Além da possível ecologização da ordem social, a resolução da problemática ambiental e a construção de uma *racionalidade ambiental* que oriente a transição para um desenvolvimento sustentável requer a mobilização de um conjunto de processos sociais: a formação de uma consciência ecológica; o planejamento transetorial da administração pública e a participação da sociedade na gestão dos recursos ambientais; a reorganização interdisciplinar do saber, tanto na produção como na aplicação de conhecimentos. (LEFF, 2001, p. 134).

Leff reconhece, porém que essa outra ordem social, na qual se elimina a racionalidade capitalista, depende de mais fatores do que apenas a teorização sobre como ela é possível. “A realização do conceito de racionalidade ambiental é a concretização de uma utopia. Esta não é a materialização de princípios ideais abstratos, mas emerge como uma resposta social a outra racionalidade que teve seu momento histórico de construção.” (LEFF, 2001, p. 142). Para o autor, essa construção é fruto das lutas das populações pobres por uma vida melhor e um desenvolvimento socialmente justo.

O saber ambiental necessário como base para o ecodesenvolvimento, pode ser resumido, então, como um saber que “[...] problematiza o conhecimento fragmentado em

disciplinas e a administração setorial do desenvolvimento, para construir um campo de conhecimentos teóricos e práticos orientado para a rearticulação das relações sociedade-natureza, [...] excede as ‘ciências ambientais’ constituídas como um conjunto de especializações surgidas da incorporação dos enfoques ecológicos às disciplinas tradicionais, para abrir-se ao terreno dos valores éticos, dos conhecimentos práticos e dos saberes tradicionais.” (LEFF, 2001, p. 145).

É um saber, portanto, que não se detém no campo filosófico, mas carece de práticas coerentes com o ecodesenvolvimento, além de políticas públicas e organização social que respeitem a diversidade de culturas e os saberes tradicionais. O saber ambiental não aceita os saberes tradicionais por ser essa uma atitude politicamente correta, mas os inclui em suas reflexões e pesquisas de forma crítica, pois

[...] leva a um diálogo e amálgama de saberes, desde os níveis de abstração conceitual até os níveis do saber prático e cotidiano onde se expressam suas estratégias práticas. Na convergência destes processos, encruzilhada da recomposição do conhecimento, o saber ambiental leva a marca da diferença. (LEFF, 2001, p. 153).

Trata-se, portanto, da religação dos saberes, proposta também por Fritjof Capra e Edgar Morin.

Educação ambiental e comunicação: alguns cruzamentos

A Educação Ambiental (EA)⁸, já aparece como recomendação da Conferência de Estocolmo (Recomendação nº 96), e é o tema do Congresso de Belgrado, cuja Carta estabelece suas metas e princípios em 1975. Em 1977, a Conferência de Tbilisi, na Geórgia, estabelece os princípios orientadores da EA e reafirma seu caráter interdisciplinar, crítico, ético e transformador. Em 1987, a UNESCO promove o Congresso Internacional PNUMA sobre Educação e Formação Ambiental, em Moscou, avaliando os avanços desde Tbilisi, e ratificando os princípios definidos na Geórgia, além de assinalar a importância e necessidade da pesquisa e formação em EA.

No Brasil, em 1973 é criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente, SEMA, no âmbito do Ministério do Interior, que entre outras atribuições, começa a desenvolver atividades de educação ambiental. Quatro anos mais tarde, a SEMA começa a discutir o papel da EA no contexto brasileiro, e em 1981 é formulada a Política Nacional do Meio Ambiente. A trajetória da EA se consolida no país com a inclusão do tema na Constituição Brasileira⁹, de 1988, que destaca a necessidade de “[...] promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”; além da aprovação da Lei 9.597, que em 1999 institui a Política Nacional de EA.

Não é tarefa deste estudo analisar o conteúdo e eficácia dessas ações em prol da educação ambiental nas últimas três décadas, contudo é importante mostrar a trajetória do tema para assinalar sua importância e cruzamentos com a comunicação. Como lembra Ilza Girardi (2001),

Desde a conferência de Estocolmo foram criados inúmeros organismos internacionais responsáveis pelo meio ambiente, bem como associações ambientalistas, programas de pesquisa e publicações. Entretanto, estas diversas ações não implicaram a diminuição dos problemas, o que nos autoriza a afirmar, sem intenção de sermos catastrofistas, que a crise

8 Disponível em <<http://www.mma.gov.br/educambiental/histo.cfm>>, em 20 nov 2003.

9 Art. 225, no Capítulo VI — Do Meio Ambiente, Inciso VI.

ambiental é uma realidade que preocupa a todos e cujos reflexos estão presentes na mídia. (GIRARDI, 2001, p .59)

É possível acompanhar mais nitidamente a proximidade da mídia com o tema no país a partir de 1992, com a Conferência Rio-92. Luís Fernando Angerami Ramos dedicou-se a analisar como os principais jornais e noticiários televisivos cobriram o tema desde a preparação da conferência, e mostra o quanto a atenção da mídia é factual e fragmentada:

Enquanto durou a conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Rio-92, muita ênfase foi dada às questões ambientais [...] mas tão logo terminou a Rio-92, essa temática foi praticamente esquecida, como se os problemas ambientais tivessem desaparecido de uma hora para outra. (RAMOS, 1995, p. 147)

Girardi assinala que em alguns momentos a imprensa foi grande aliada do movimento ecológico, apresentando coberturas diárias e disseminando conceitos e termos antes restritos à comunidade científica. Entretanto, as diversas abordagens podem gerar confusão, pois se mostram ora de caráter cientificista, “[...] desqualificando as dúvidas sobre a segurança ou os benefícios de certas tecnologias” (GIRARDI, 2001, p.60), ou se inserem na corrente ecotecnocrática, que aguarda uma outra tecnologia para futuramente resolver os problemas gerados pelas tecnologias atuais.

Podemos observar uma diferença entre o espaço dos veículos e o interesse dos profissionais pelo tema. Em 1989, a Federação Nacional de Jornalistas realizou, em Brasília, o Seminário para Jornalistas sobre População, Meio Ambiente e Desenvolvimento. Desse encontro, foram criados núcleos regionais de profissionais interessados em se especializar e trocar experiências sobre jornalismo e meio ambiente em São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Destes, apenas os profissionais do Rio Grande do Sul mantiveram o grupo, que recebe o nome de Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ/RS).

A partir desse encontro, o NEJ tem organizado sistematicamente palestras, cursos e publicações com o intuito de subsidiar o trabalho dos jornalistas que cobrem a área sócio-

ambiental, bem como impulsionou a criação da Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais, uma rede virtual com cerca de 300 profissionais de todo o país, em funcionamento desde 2000¹⁰.

Claro que os interesses e possibilidades dos veículos e dos profissionais diferem desde sua constituição. Como qualquer profissional, os jornalistas possuem autonomia para estudarem e se especializarem na área de seu interesse, ao passo que os veículos de comunicação dependem de uma série de fatores para manter editorias e cadernos especializados, fatores esses que passam principalmente pelos custos e verbas publicitárias disponíveis. Alguns exemplos dessa diferença entre a vontade dos profissionais e a possibilidade dos veículos é a extinção por falta de verbas publicitárias específicas, do Caderno Em Ecologia, do Jornal Estado de Minas (MG), que teve sua última edição em dezembro de 2002; e do programa de rádio São Francisco Ecologia, veiculado na Rádio São Francisco AM, de Caxias do Sul (RS), cujo último programa foi ao ar em maio de 2003.

Ramos destaca a influência da comunicação de massa na sociedade contemporânea. Ele lembra que a ciência ambiental parte do pressuposto da interdisciplinaridade e do olhar complexo sobre as coisas e, nesse sentido, “[...] a ampla e irrestrita difusão de informações sobre a problemática ambiental é, portanto, um elemento essencial.” (RAMOS, 1995, p.29). Segundo ele, a comunicação social desempenha um papel de elemento de ligação entre os diferentes atores do campo científico e sociedade em geral.

O encontro entre comunicação e educação, aliás, é tema de estudos e reflexões há pelo menos 40 anos. Denise Cogo afirma que “[...] longe de serem um espelho, os meios de comunicação se tornaram lugares onde se elaboram, se negociam e se difundem os discursos, os valores e as identidades” (COGO, 2001, p.34). As inquietações advindas dessa constatação originaram, nos anos de 1960 e 1970, diversos movimentos, especialmente na América

¹⁰ Em 20 de novembro de 2003, a Rede registrou 294 associados.

Latina, em torno da educação para os meios de comunicação. Apoiados na Teologia da Libertação e em Paulo Freire, esses movimentos propunham uma alfabetização de crianças e jovens para a leitura dos produtos da comunicação de massa, principalmente o cinema e a televisão. É exemplo desse movimento a criação da União Cristã Brasileira de Comunicação, organização não-governamental que desenvolveu o projeto de Leitura Crítica da Comunicação.

Essas experiências abriram caminhos para outras perspectivas em relação às possibilidades de encontro entre educação e comunicação. Como explica Ismar de Oliveira Soares, retomando as idéias de Mário Kaplún, “[...] não se trata pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação.” (KAPLÚN, *apud* COGO, 2001, p.38).

O papel da Comunicação

Há uma distinção importante a ser feita, quando falo em comunicação neste trabalho: de que comunicação estou falando? A mesma palavra costuma ser usada tanto para falar-se em comunicação enquanto processo humano quanto para falar dos meios de comunicação de massa. Juan Díaz Bordenave (1996) traz uma definição bastante simples, mas que serve perfeitamente para este trabalho. Ao falar no homem como ser social, ele afirma que nossa sociedade só existe como tal pela comunicação, comunicação essa que é processo e faz parte dos seres humanos como necessidade básica de sobrevivência, já que “[...] a comunicação não existe por si mesma, como algo separado da vida da sociedade. Sociedade e comunicação são uma coisa só. Não poderia existir comunicação sem sociedade nem sociedade sem comunicação” (BORDENAVE, 1996, p. 16).

O ser social descrito por Bordenave aprende a se relacionar socialmente pela comunicação com seus pais e familiares, observando gestos e objetos, ouvindo e aprendendo a falar, assim ele conhece sua cultura e as formas de ser e estar na sociedade onde nasceu e vai crescer. Em relação aos meios de comunicação, o autor faz uma importante reflexão, basilar, mas muitas vezes esquecida:

Contrariamente, então, ao que alguns pensam, a comunicação é muito mais que os *meios de comunicação social*. Estes meios são tão poderosos e importantes em nossa vida atual que às vezes esquecemos que representam apenas uma mínima parte de nossa comunicação social. (BORDENAVE, 1993 p. 18)

Assim, este trabalho trata da comunicação enquanto processo de relações humanas, mas detém seu olhar sobre o uso de um dos meios de comunicação social, ou uma mídia em específico: o jornal.

André Trigueiro (2003) apresenta a idéia de que vivemos em uma “idade mídia”, cada vez mais onipresente, sofisticada e instantânea, fruto do intenso desenvolvimento das tecnologias de telecomunicações. Hoje a conexão em tempo real com os acontecimentos de qualquer parte do mundo trata-se de uma realidade corriqueira, sendo esta, aliás, outra característica da Era Planetária, descrita por Morin (2001): a teleparticipação planetária, em franco desenvolvimento desde os anos 1950. Nas palavras de Morin, que também são as palavras de muitos que estudam e pensam a comunicação de massa, não há acontecimento que não seja captado por uma câmara e enviado a todos os horizontes (MORIN; KERN, 2001, p. 38). Essa teleparticipação é responsável por um contraditório sentimento de que fazemos parte de todo o mundo, e ao mesmo tempo não é possível fazer muito mais do que assistir. Sentimento muito bem captado pelos autores:

Estranha mundialização: consumimos como espectadores as tragédias, hecatombes, horrores deste mundo, mas também participamos da vida dos outros e emocionamo-nos com as suas desgraças. **Nem que seja só durante o tempo de um *flash*. (...) Sentimo-nos planetários por *flashes*¹¹.**

11 Grifo meu, as palavras em itálico são originais no texto do autor.

(MORIN; KERN, 2001, p.39)

A historiadora Samyra Crespo é responsável por uma série de pesquisas acerca da opinião dos brasileiros sobre ecologia, e tem identificado em seu trabalho a televisão como a grande fonte de informação sobre meio ambiente. Em dez anos de pesquisas, ela identifica o perfil do brasileiro ambientalista, ou simpatizante: “[...] ele é homem ou mulher, tem entre 22 e 45 anos, possui alta escolaridade (superior incompleto ou mais), mora em centros urbanos e vê televisão, seu principal meio de informação sobre o assunto” (CRESPO, 2003, p65). Crespo aponta que este é um fato importante a ser considerado, já que 90% da população brasileira se informa sobre meio ambiente através da televisão, inclusive as classes mais altas, com as televisões a cabo. Em relação aos jornais impressos, menos de 40% da população dos brasileiros lêem regularmente e somente 15% dizem fazê-lo diariamente.

Crespo começou a pesquisar a opinião pública brasileira sobre meio ambiente em razão da Rio-92. Com toda a agitação vivida já um ano antes, ela se perguntava o que a população do país que receberia a maior conferência das Nações Unidas até então realizada pensava sobre o tema do encontro: meio ambiente. A série *O que o brasileiro pensa da ecologia* foi realizada em todos os Estados brasileiros em 1991, 1997 (por ocasião da Rio+5) e 2001 (Rio+10). A resposta à pergunta que marca a pesquisa é desanimadora: “[...] independentemente da classe social, da escolaridade, da cor, do sexo e da religião, os brasileiros consideram o meio ambiente como sinônimo de fauna e flora” (CRESPO, 2003, p. 67).

Analisando os dados apresentados pela pesquisadora, Trigueiro aponta, entre as possíveis razões para isso, a ênfase dos programas sobre meio ambiente veiculados na televisão brasileira, e eu ousaria dizer de todos os veículos de comunicação: tudo, ou quase tudo que é identificado como programa sobre meio ambiente trata da fauna, flora e natureza selvagem ou de desastres ambientais. A chamada agenda marrom, que diz respeito aos

assuntos do cotidiano das pessoas, quais sejam, habitação, saneamento, qualidade da água, destinação do lixo, etc., não é identificada como pauta de meio ambiente nem pela população, nem pelos comunicadores ou mais especificamente, pelos jornalistas (TRIGUEIRO, 2003, p.76).

A idade média descrita por ele caminha na velocidade dos mercados financeiros, da informação útil para as decisões dos próximos minutos, essa velocidade não fecha com o *timing* das questões ambientais. O autor, que também é jornalista, retoma o resultado das pesquisas de Crespo e aponta que a flora e a fauna possuem apelo romântico, conservacionista, mas não fazem o espectador refletir sobre o que ele é capaz de fazer em prol da conservação do ambiente ao seu redor. Nas palavras de Muniz Sodré, citado por Trigueiro:

[...] a multiplicidade dos fatos informativos não resulta de aperfeiçoamento do cidadão nem em seu conhecimento sobre o mundo. Quanto mais você é informado do inessencial, menos você sabe sobre si mesmo e mais você é controlado pela lógica do mercado (SODRÉ, *apud* TRIGUEIRO, 2003, p. 80).

Para Trigueiro, está aí uma das fontes da dificuldade em se desenvolver um olhar complexo sobre a realidade. Ele mostra, entretanto, que é possível vencer a lógica veloz da indústria da informação, transformando as pautas ambientais em informação atual e útil para o cotidiano das pessoas, como o trânsito, tema em que mais do que informar desde um helicóptero quais são as vias mais e menos congestionadas, é possível apontar os impactos econômicos dos engarrafamentos (atrasos para encontros de negócios e transporte de mercadorias e valores), sobre a saúde (poluição e dificuldade de atendimentos de urgência), e segurança, entre outros. “[...] O exercício dessa visão ambiental agrega substância à notícia e oxigena a informação sem que se perca de vista o interesse jornalístico” (TRIGUEIRO, 2003, p.81).

Outra dificuldade identificada tanto por Trigueiro quanto pelo também jornalista Vilmar Berna está na linguagem. Para Trigueiro, vencer o “jargão ecológico” é um grande

desafio, que enfrenta dificuldades dos dois lados, tanto do cientista ou especialista, que tende a não sair de seu linguajar rotineiro, quanto do jornalista, tentado a simplificar os conceitos para se fazer entender, muitas vezes comprometendo a essência da informação.

Berna situa o jornalismo ambiental como aquele que lida com a informação de meio ambiente e afirma que ele está muito próximo do científico. A função deste tipo de jornalismo é informar o leitor sobre os descobrimentos da ciência e sobre suas implicações políticas, econômicas e sócio-culturais. Essa definição inclui uma das funções do jornalismo científico, que é: “[...] o estabelecimento de uma relação dialética entre o interesse e a necessidade do cidadão de ser informado, e o compromisso profissional que deve ser assumido pelo jornalista de pôr seu trabalho à serviço do bem-estar da comunidade.¹²” (BERNA, 2000, p.16). Na outra ponta, o jornalista convida os especialistas, ecologistas, a saírem de seus guetos e aproximarem seus estudos das necessidades da população em geral. Ele cita que para a maioria da população, especialmente os setores mais pobres, as questões ecológicas precisam estar vinculadas diretamente com sua qualidade de vida, do contrário, seguiremos, jornalistas e suas fontes, contribuindo para uma visão romântica sobre as questões ambientais.

Desse modo estão colocados os desafios para o jornalismo ambiental. Se é possível que o jornalismo tenha um papel educativo, ele precisa exercitar sua capacidade de traduzir o jargão especializado e não apenas simplificá-lo, e, sobretudo, aproximar a ecologia e os problemas ambientais do cotidiano das pessoas de forma clara e completa.

O papel da Educação

Torna-se cada vez mais imperioso que transformemos nosso olhar sobre o ambiente, compreendendo-o em sua complexidade e responsabilizando-nos por sua preservação, uma vez que essa preservação é nossa única possibilidade de permanecer sobre a Terra. Essa

12 Tradução livre a partir do espanhol.

transformação passa por um novo olhar sobre ciência e conhecimento, por uma religação dos saberes. Mesmo entendendo a educação como um processo mais amplo que a escolarização, a escola é cada vez mais um espaço privilegiado para a educação ambiental, uma vez que é nela que se tem acesso às primeiras noções de ciência e natureza, através das aulas de Ciências, Biologia, Física, etc.

Morin nos coloca que, antes de pensar nas disciplinas curriculares para que a educação ambiental aconteça, é preciso pensar sobre quais saberes se quer tratar nos espaços educativos. Para ele, são sete os saberes fundamentais para a educação do futuro: as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; a condição humana; a identidade terrena; o enfrentamento das incertezas; a compreensão e a ética do gênero humano.

É preciso reconhecer que nenhum conhecimento é absolutamente verdadeiro, e o primeiro passo para compreender a complexidade do mundo é compreender e aceitar a possibilidade do erro e da ilusão acerca daquilo que conhecemos. Para ele, a racionalidade, no sentido da reflexão, é a melhor proteção contra o erro e a ilusão, “[...] verificando o caráter lógico da organização teórica, a compatibilidade entre as idéias que compõem a teoria, a concordância entre suas asserções e os dados empíricos aos quais se aplica” e adverte que tal racionalidade deve permanecer aberta ao que a contesta “[...] para evitar que se feche em doutrina” (MORIN, 2001, p. 23). E aqui se abre o caminho para ensinar as incertezas que cercam os saberes. Os conhecimentos pertinentes são aqueles que dão conta do contexto, do global, do multidimensional, do complexo. Grosso modo, o autor quer aqui enfatizar a necessidade de se rever a organização dos saberes em conteúdos separados, adotando um olhar que conecte essas informações e dados; seja capaz de estabelecer a relação entre o todo e as partes.

Ensinar a condição humana é justamente voltar este olhar complexo para nós mesmos

e compreender que devemos abandonar a visão unilateral que nos define pela racionalidade, a técnica, a economia. Ensinar, enfim, que não somos sábios *ou* loucos, tomados por emoção *ou* razão, mas sábios *e* loucos, emoção *e* razão. Ensinar a nossa identidade terrena é, por sua vez, justamente mostrar que, na era planetária, mais que nunca, somos parte do planeta e o planeta é parte de nós, abrir-se para a cidadania terrestre.

Na compreensão, o autor coloca a garantia da solidariedade com os outros e o planeta, e observa que a comunicação não garante a compreensão. Ele aponta que “[...] a compreensão não desculpa nem acusa: pede que se evite a condenação peremptória, irremediável, como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza nem cometido erros” (MORIN, 2001, p.100) e argumenta que “[...] se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas”.(ibidem, p.100). Ensinar a compreensão é ensinar o respeito à diferença. É importante observar que esses saberes se interpenetram e não são possíveis senão em conjunto, eles são caminhos para se pensar nesse outro olhar de que venho falando.

Morin se aproxima bastante do que Paulo Freire já dizia em seus escritos acerca da pedagogia. Além do necessário respeito aos saberes de experiência feitos dos educandos, ensinar é uma tarefa que exige pesquisa e constante reflexão sobre a ética, a aceitação das incertezas do conhecimento e do erro. Para o educador, “[...] o erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele” (FREIRE, 1996, p. 16).

Freire também acreditava que era preciso educar a partir do conhecimento dos sujeitos envolvidos nesse processo e não despejar conteúdos sobre os alunos, seres desprovidos da luz do conhecimento. Morin está, assim, perfeitamente alinhado com as idéias de Freire quando aponta os saberes necessários à educação do futuro, sendo esta marcada pela compreensão do todo e não apenas a informação sobre as partes; a contextualização, reflexão constante sobre

nossa condição humana e terrena, a solidariedade e o respeito às culturas. Diante disso, é impossível não se perguntar de que forma essa educação é possível.

Essa inquietação é fonte de estudos para Marcos Reigota, (2002) que vai resgatar a história da educação ambiental na América Latina para afirmar que essa educação não só é possível como já acontece. Ele diz que para a educação sirva de base para desenvolvimento sustentado, é preciso que ocorra no processo educativo o que já há fora dele na realidade latino-americana: a mestiçagem de culturas, de conhecimentos de origens diversas e estilos de vida diferentes dos padrões estabelecidos como os mais corretos. Educação essa praticada procurando produzir e não transmitir conhecimento. Em perfeita sintonia teórica com os pensadores já citados acima, apesar de não fazer referência a eles, Reigota aponta que:

Esse processo educativo não hierarquiza o saber científico e o conhecimento popular e étnico, não separa razão e subjetividade, não quantifica o conhecimento aprendido, não separa a arte da ciência. Permite avanços, recuos e paradas, já que considera o pessoal e o intransferível de cada um, independente do seu papel como aluno ou professor. [...] A educação visando ao desenvolvimento sustentado se fundamenta principalmente nos aspectos sócio-éticos e não nos produtivos e econômicos, sendo que estes dois últimos são subordinados aos dois primeiros. (REIGOTA, 2002, p. 45).

Mesmo utilizando o termo “educação para o desenvolvimento sustentado”, já identificado com a corrente de pensamento ecotecnocrático, penso que as idéias de Reigota vêm ao encontro deste trabalho e da idéia de codesenvolvimento, quando afirma que essa educação dialógica e respeitadora do outro está na base de um desenvolvimento que se fundamenta nos princípios sócio-éticos.

O autor observa que essa “educação mestiça” de marca latino-americana que há muito se manifesta nas artes, também é perceptível nas ciências e na educação: “[...] ela ocorre nos inúmeros centros de formação que não obedecem à rígida burocratização do conhecimento, assim como nos espaços buscados pelos profissionais adeptos dessa concepção educacional, nas instituições acadêmicas tradicionais” (REIGOTA, 2002, p. 46), e reforça que esta educação

ambiental é uma educação política, antitotalitarista, pacifista e orientada pelos princípios da justiça social, não deixando de reconhecer suas dificuldades em um continente onde a miséria é sempre a primeira necessidade a ser atendida nos discursos dos governantes e sempre agravada pelos serviços de uma dívida eterna.

Leff também reflete sobre a educação ambiental, fundamental para a construção das sociedades sustentáveis. Ele reconhece, porém que “[...] não tem sido fácil a transição do pensamento e dos métodos da complexidade para o projeto e condução de programas interdisciplinares de formação que sejam algo mais que a simples junção de cursos e matérias” (LEFF, 2001, p. 240). A educação ambiental tal como é pensada no seio das ecosofias (filosofias do ambiente, como a ecologia profunda) não está presente nas escolas, mesmo que tenha sido inserida nas disposições sobre o que as escolas devem ensinar, como no Brasil. Para que ela seja capaz de ensinar o complexo, o global, o multidimensional, é preciso que os professores e professoras tenham essa formação, caso contrário ela estará fadada a ser apenas uma educação ecológica nas aulas de ciências que aponta os principais problemas ambientais das cidades e ensina o que é conservação.

Assim como a ecologia foi incluída no discurso capitalista e neoliberal, também em muitas escolas públicas da América Latina ela está presente, o que não significa que sejam efetivas na construção de novas mentalidades, conhecimentos e comportamentos capazes de avançar na construção de um outro modelo de desenvolvimento. Além disso, para o autor, o erro no ensino formal que temos não está em ser orientado por diferentes disciplinas “[...] mas por não impulsionar e orientar as capacidades cognitivas, inquisitivas e criativas do aluno, e por estar desvinculado dos problemas de seu contexto sociocultural e ambiental” (LEFF, 2001, p. 261), colocando assim o problema não na organização cartesiana dos currículos, mas na dificuldade dos educadores em partir do contexto local e dos saberes dos educandos para construir saberes a partir das questões que realmente dizem respeito às suas vidas. Cabe

lembrar que esta reflexão é a mesma feita por Paulo Freire já desde os anos de 1960.

Está claro que os desafios são muitos, especialmente se considerarmos a realidade das escolas públicas — para ficarmos no público buscado por este trabalho — muitas vezes respondendo como instituição a demandas que não são necessariamente suas como saúde e violência doméstica. Desafios semelhantes se impõem à prática jornalística. Entretanto, acomodar-se frente a eles significa deixar de construir um mundo socialmente justo e ambientalmente responsável.

CAPÍTULO III

CAMINHOS METODOLÓGICOS: DEFININDO UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

Pesquisa é uma atividade que exige reflexão, rigor, método e ousadia.(...) O trabalho de investigação não pode prescindir de rigor e método, mas você pode inventar seu próprio caminho. (COSTA, 2002, p. 154)

ENTENDER OS USOS da informação ambiental por professora e estudantes em sala de aula, mais que analisar o potencial educativo dos meios de comunicação ou as possibilidades de educar pela comunicação, é observar como se dá a recepção das mensagens produzidas nesses meios de comunicação. Assim, torna-se fundamental entender a trajetória dos estudos de recepção e sua importância.

A América Latina tem se destacado no cenário das pesquisas em comunicação, propondo uma escola bastante crítica em relação à forma como as pessoas lêem as mensagens dos meios de comunicação. Nessa linha, alguns teóricos como Néstor Garcia Canclini, Guillermo Orozco e Jesús Martín-Barbero são basilares.

Martín-Barbero parte do princípio de que “[...] a recepção não é somente uma etapa no interior do processo de comunicação, um momento separável, em termos de disciplina, de metodologia, mas uma espécie de um outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro de comunicação.” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 40), o que significa sair do modelo mecânico que vê o receptor como um banco onde as mensagens são depositadas e que não é capaz de interagir com elas — pensamento muito semelhante à educação bancária identificada por Paulo Freire.

Com isso, o autor afirma que a recepção da mensagem é um outro lugar desde onde o

processo mesmo de comunicação pode ser entendido, e alerta para dois erros a que os estudos de recepção estão sujeitos: não se pode pensar o receptor como um ser ingênuo constantemente manipulado pelos meios de comunicação, assim como não se pode supor que o receptor faz o que quer com a mensagem; a recepção, nesse sentido, pode ser entendida como um espaço de produção de sentido (MARTÍN-BARBERO, 1995), ou seja, um espaço de interação onde diversos sentidos podem ser produzidos.

Os estudos de recepção também possuem larga tradição nas escolas inglesa e estadunidense. Já nos anos 1950, diversos pesquisadores começaram a se perguntar o que o receptor faz com as mensagens produzidas pelos meios de comunicação. Gillian Rose¹³ é uma pesquisadora britânica, inserida nos Estudos Culturais, que tem se dedicado a estudar a recepção de materiais visuais. Ela traz algumas contribuições bastante didáticas para compreender as diversas metodologias que têm sido empregadas em estudos de recepção de materiais visuais (cinema, artes visuais e especialmente televisão). Apesar de não se tratar do mesmo suporte da minha pesquisa, penso que as metodologias para análise dos produtos televisivos descritas em seu trabalho são perfeitamente adaptáveis para um estudo com mídia impressa.

Rose se aproxima de algumas idéias de Martín-Barberro quando observa que “[...] tanto a semiologia quanto a psicanálise tendem a assumir que a imagem produz o público e não vice-versa.” (ROSE, 2001, p. 192), considerando a recepção também como um lugar de produção de sentidos. Os estudos de audiência são, portanto, importantes por duas razões: a maneira como os públicos reagem às mensagens pode ser usada para produzir determinada compreensão dessas mensagens; e o exame de como diferentes públicos reagem às mensagens pode mostrar a complexidade do processo de recepção (ROSE, 2001).

Em relação às entrevistas, Rose aponta três tipos básicos: pessoa a pessoa, em grupos

13 As traduções desta autora utilizadas neste trabalho foram feitas por Ricardo Uebel.

e familiares, que podem ser utilizadas exclusivamente ou combinadas e não esgotam todas as possibilidades de entrevistas. Assim, dado que os objetivos deste trabalho estão justamente em compreender o que um grupo de receptores faz com determinadas mensagens, escolhi a observação e as entrevistas como caminhos metodológicos a seguir.

Parti de observações de duas aulas da Profª. Rita Cristina Menezes Teixeira, que me permitiram conhecer a turma, fazer-me conhecida e conviver minimamente com a escola. Após conversar com a professora, definimos alguns dias e horários em que ela havia planejado utilizar os jornais em aula para eu acompanhar. Essas observações foram meu primeiro contato com a turma e a aula, e serviram para criar uma relação de proximidade com a professora e os alunos. Além disso, pude ver como se dá na prática a utilização dos jornais nas aulas.

Além das observações, optei por realizar uma entrevista semi-estruturada com a professora e outra com um grupo de estudantes, a fim de verificar mais especificamente os usos dos jornais feitos por eles. Também entrevistei a Coordenadora Pedagógica da escola, para entender sua história e funcionamento, o perfil dos alunos e da comunidade, o contexto, afinal, onde o trabalho da professora de história é desenvolvido; bem como entrevistei a Profª. Cleonice Carvalho, precursora do projeto de educação ambiental da escola e coordenadora o Grupo Amigos do Verde.

Situar o receptor em seu contexto e mapear minimamente as suas relações com o veículo de comunicação é fundamental para compreender os dados obtidos com as entrevistas. Essas entrevistas, como bem aponta Rose, “[...] não são usadas para se descobrir o que as pessoas ‘realmente olham’ [...]. As entrevistas, no lugar disso, são usadas para examinar a compreensão que as pessoas tenham da televisão” (ROSE, 2001, p. 193), e não somente da televisão, mas outras mídias também.

Todo o material foi gravado em fita cassete e transcrito posteriormente para guardar a

maior fidelidade possível com as falas dos entrevistados. Os questionários foram montados de forma que permitissem mapear os usos dos meios de comunicação tanto pela professora como pelos jovens, e as perguntas se concentravam na identificação de hábitos de leitura, formas de sistematização do trabalho e elaboração das informações. Também tentei identificar o entendimento que a professora tem sobre a comunicação social e as formas de decodificação do que pode ser informação ambiental pelos alunos.

Rose afirma que os resultados obtidos serão sempre influenciados em alguma medida pela forma como são conduzidas as entrevistas, pelo público escolhido e mesmo o modo de escolher esse público; assim como a posição do entrevistador em relação aos entrevistados. Ela cita o exemplo de uma pesquisa com crianças em idade escolar entrevistadas em grupo por David Buckingham:

Nas entrevistas grupais as crianças foram muito críticas com respeito à publicidade na TV, assim como também discutiram o racismo e o machismo encontrado nalgumas séries de desenhos animados; mas a pergunta que Buckingham faz é: essas crianças estavam empregando um “repertório interpretativo” que elas achavam apropriado à situação, uma situação em que era um adulto que as estava ouvindo, quando elas sabem que muitos adultos, especialmente professores, desaprovam a televisão? (ROSE, 2001, p. 202)

Nesse sentido, é preciso comentar alguns resultados obtidos na entrevista com os estudantes. O grupo escolhido pela professora era inicialmente composto por quatro meninos, considerados por ela os mais espontâneos para uma entrevista. Quando foram chamados, porém, as meninas da turma reclamaram que nenhuma delas havia sido escolhida, apontando a decisão como machista. Seguindo o mesmo critério anterior – escolher alunos que fossem mais espontâneos e falantes, Cristina selecionou o seguinte grupo¹⁴, equilibrando o número de meninos e meninas: Laura, de 16 anos; Lúcia, de 15 anos; Marcelo e Rodrigo, de 15 anos.

Percebi que em muitos momentos eles talvez pudessem estar preocupados em falar correta e criticamente sobre os jornais, porque estavam conversando com uma (futura)

14 Os nomes dos alunos são fictícios para preservar a identidade dos mesmos.

jornalista. Além disso, eles estavam preocupados em referenciar os usos de um jornal que não faz parte do seu cotidiano fora da escola. Cristina costuma utilizar principalmente recortes do jornal Zero Hora, um jornal alinhado aos padrões dos grandes jornais do centro do país, considerados tradicionais. Entretanto, é o Diário Gaúcho o jornal mais acessível aos estudantes, tanto em termos financeiros quanto na sua orientação visual e de linguagem. O Diário Gaúcho é o jornal popular editado pelo mesmo grupo de comunicação que publica a Zero Hora, a Rede Brasil Sul (RBS). Foi somente quando perguntei se eles costumavam ler o Diário Gaúcho e pedi que identificassem seus hábitos de leitura e as formas como identificam reportagens que lidam com questões ambientais nesse jornal que eles pareceram mais espontâneos.

Foi bastante difícil realizar essa entrevista com os quatro adolescentes, porque estava preocupada em deixá-los à vontade para que me dissessem como olham para esses meios de comunicação em seu dia-a-dia, tentando formular as perguntas de modo a evitar que eles escolhessem dentro de seus repertórios somente aquilo que seria mais adequado naquela situação.

Não considero como não-verdadeiras as suas respostas, mas em alguns momentos pareceu claro que eles tentaram escolher dentro da gama de conhecimentos e informações que possuíam aquelas que pareciam adequadas a sua interlocutora, como na seguinte intervenção de Marcelo, a uma resposta de Laura sobre sua preferência por ler reportagens que abordam as questões da adolescência: “aqui no Brasil, ao contrário de outros países europeus a população é mais de adolescentes, então as empresas procuram ter mais produtos para os adolescentes”.

Também foi somente quando falamos do Diário Gaúcho que pude identificar mais claramente suas preferências por temas abordados pelo jornal e seus processos de leitura. Laura conta que lê o Diário todos os dias; para Lúcia, a seção policial é importante, porque informa sobre um

problema de seu bairro, a violência; Marcelo e Rodrigo começam pela página de esportes e todos eles demonstram intimidade com a linguagem e a forma de apresentação das notícias nesse jornal, mais que com a Zero Hora — esta constituindo-se mais como um recurso pedagógico usado nas aulas do que um veículo de informação diária para eles.

Encontrando a escola

As inquietações sobre as possibilidades de uso educativo dos produtos de comunicação de massa, e especialmente da informação jornalística, me levaram a buscar uma escola que trabalhasse com jornais ou outros suportes midiáticos em sala de aula, para observar como as professoras e professores se utilizam daquilo que, no final das contas, será o produto da minha escolha profissional.

O primeiro critério de escolha estava dado, deveria ser uma escola que desenvolvesse um trabalho curricular sistemático de Educação Ambiental. O principal desafio percebido já nesse primeiro critério era o de encontrar professores que utilizassem suportes midiáticos com alguma frequência que permitisse observar o trabalho e identificar regularidades. O segundo critério elencado foi a necessidade de buscar uma escola pública, coerente com meu entendimento de que a universidade pública na qual estudo deve voltar-se para as necessidades sociais do país e buscar modos de socializar o conhecimento produzido entre seus muros, principalmente para as parcelas da cidade que possuem poucas possibilidades de acesso a esses conhecimentos.

A Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre administra 52 escolas de Ensino Fundamental e desenvolve há alguns anos um trabalho de fomento à educação ambiental entre elas, oferecendo cursos de formação para educadores e educadoras, publicações, etc. Este era o caminho traçado para encontrar a escola com o perfil que desejava. Foi, porém, uma

coincidência que me levou até a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Judith Macedo de Araújo.

Conheci essa escola através de uma palestra da Profa. Cleonice Carvalho, coordenadora do Grupo Amigos do Verde, que trabalha com as diversas questões referentes ao ambiente do bairro onde a escola se situa, o Morro da Cruz. Assim, conversando com a Profa Cleonice, cheguei até as aulas de história da Profa. Rita Cristina Menezes Teixeira, que usa constantemente recortes de jornais para observar o desenvolvimento urbano da cidade e seus impactos sobre o ambiente.

A turma C31, do 3º ano do 3º Ciclo, último ano do Ensino Fundamental foi escolhida por sugestão da própria Professora Cristina, por conter os alunos mais velhos, permitindo a ela um trabalho mais aprofundado com os recortes de jornais.

Perfil da escola e da comunidade

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Judith Macedo de Araújo, com 750 estudantes, é considerada pela Secretaria Municipal de Educação como uma escola de porte médio. São 60 professores e cerca de 15 funcionários. A direção da escola é, desde 1999, composta pelos professores Paulo Régis Silva Santos e Edna Catarina Santos Chaves. É o segundo mandato da direção, escolhida a cada três anos por eleição direta, onde estudantes, professores, funcionários e comunidade possuem votos de igual peso.

Foi fundada em 1986, a partir da necessidade de atendimento da comunidade do Morro da Cruz, onde havia apenas uma escola de Ensino Fundamental localizada na parte de baixo do morro, a EMEF América. A demanda fez com que a prefeitura construísse uma escola anexa à América, já nos altos do morro, que somente mais tarde se tornou a escola Judith.

Segundo a Coordenadora Pedagógica, Rosane Denardi Quiroga¹⁵, em pouco tempo, o espaço tornou-se pequeno para atender toda a comunidade, que iniciou uma mobilização no Orçamento Participativo (OP) para que a escola tivesse uma sede própria. O espaço conquistado foi destinado pela Secretaria para a criação de uma outra escola, a EMEF Morro da Cruz, e a Escola Judith continuou funcionando no espaço emergencial originado da Escola América. “Eram salas de madeira reaproveitada, que com o tempo e pelo desgaste não davam condições de atendimento. Novamente a comunidade se mobilizou no OP para lutar por um espaço mais adequado para o atendimento dos 750 alunos já atendidos pela escola Judith nos três turnos”, conta Rosane.

Foram os alunos do turno da noite, da Educação de Jovens e Adultos, os que mais se envolveram nesse processo, mesmo porque, as reuniões do Orçamento ocorriam à noite. Conquistada a verba, iniciou-se a obra no mesmo espaço onde estavam os prédios emergenciais de madeira. Durante as obras, as aulas estavam divididas em três lugares: os prédios de madeira que ainda não haviam sido derrubados, algumas salas do Centro Infanto-juvenil Murialdo, e salas na Escola Morro da Cruz, no turno da noite. A obra levou dois anos para ser concluída e a Escola Judith passou a ocupar seu novo prédio apenas em agosto de 2003.

A coordenadora pedagógica aponta que, com a divisão física da escola, o trabalho foi bastante dificultado, pela ausência de uma sala de professores, laboratórios e mesmo um espaço único de convivência.

O novo prédio possui mais de 50 salas no total, incluindo administração, laboratórios, bibliotecas, além de amplo pátio com quadra esportiva. A sala de informática, porém, ainda não recebeu computadores, e outras salas-laboratórios também não foram totalmente equipadas. Apesar do espaço, o atendimento não pôde ser ampliado em função da limitação

15 Entrevista realizada em 14 de outubro de 2003, na EMEF Judith Macedo de Araújo.

dos recursos humanos e as perspectivas são de que isso aconteça somente em 2005.

A EMEF Jutith é uma escola de periferia, com um público de baixa renda. Os pais dos alunos variam da classe trabalhadora até miseráveis; há crianças em situação de risco, com pais desempregados, sem renda familiar fixa. As famílias são de trabalhadores nos mais variados ramos, na sua maioria operários, comerciários, muitos trabalhadores informais, camelôs, papaleiros, empregadas domésticas, pedreiros, etc.

Existe uma participação bastante expressiva da comunidade. Rosane conta que a escola proporciona atividades constantes de integração, como trabalhos de oficinas com as mães, que fizeram as cortinas da escola, por exemplo. O prédio é aberto à comunidade para outras atividades que não sejam letivas, como feiras da comunidade, reuniões da Associação de Moradores, Dia de Ação Global. “A escola está cada vez mais se abrindo para a comunidade”, afirma.

Segundo a coordenadora, como em toda escola, há pais bastante participantes da vida estudantil, que vão constantemente à escola, se colocam à disposição, acompanham os filhos. “Mas também há aqueles que aprenderam que a escola é o lugar para cuidar de seus filhos e resolver os problemas que a família não pode dar conta”.

Grupo Amigos do Verde – o trabalho de educação ambiental

Rosane Quiroga afirma que a escola sempre teve professores sensíveis às questões ambientais, que levavam o tema para a sala de aula, mas foi somente com o projeto do Grupo Amigos do Verde que a educação ambiental tornou-se uma prática sistemática na escola.

Cleonice Carvalho¹⁶, professora de geografia e coordenadora do projeto, conta que sempre achou que a geografia deveria partir do contexto local. Ela participou do Curso do Atlas Ambiental, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com o

¹⁶ Entrevista realizada dia 16 de dezembro de 2003, na EMEF Judith Macedo de Araújo.

Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e coordenado pelo Professor Rualdo Menegat — pesquisador e organizador do Atlas Ambiental de Porto Alegre. Ela começou a levar o Atlas para sala de aula e colocar em prática os aprendizados desse curso em uma turma do 2º Ciclo, equivalente à 5ª série do Ensino Fundamental. A partir dessa experiência, organizou o projeto de trabalho com educação ambiental na escola, integrando diferentes disciplinas.

Foi daí que, em 2000, surgiu o Grupo Amigos do Verde, um grupo de estudantes voluntários que estudam e organizam atividades diversas de educação ambiental na escola e na comunidade, curriculares e extra-classe. Hoje o grupo conta com cerca de 30 jovens do 3º Ciclo (equivalente a 6ª, 7ª e 8ª séries), que realizam atividades no turno inverso ao das aulas. Este grupo estuda o Atlas Ambiental de Porto Alegre, especialmente a parte referente ao seu bairro, além de participarem de oficinas de reciclagem de papel, fotografia, oficina de sabonetes com ervas com a participação das mães, entre outras.

Desse grupo, vários são monitores das atividades curriculares desenvolvidas a partir deste ano com o primeiro e segundo ciclos. O Grupo Amigos do Verde já possui um trabalho bastante conhecido na cidade e freqüentemente a Profa. Cleonice é convidada a apresentar sua experiência para outras escolas, faculdades e entidades diversas. Nessas apresentações, Cleonice costuma levar alguns dos participantes para que façam também a apresentação, como sujeitos do processo e não apenas alunos que recebem um trabalho em turno inverso na escola.

Cleonice conta que aprendeu a conhecer o Morro da Cruz com os próprios estudantes, e dessa forma se constituiu a Trilha Ecológica Urbana do Morro da Cruz, parte dos passeios turísticos proporcionados pela prefeitura de Porto Alegre. Quando ela começou a trabalhar com o Atlas em aula, sugeriu que os estudantes fizessem uma caminhada de reconhecimento da paisagem do Morro, e foi assim que passou a conhecer a região, guiada pela própria

comunidade. “No começo, a trilha passava por lixão; com o trabalho, aquele lixo passou a incomodar os alunos, e daí a comunidade também, através dos pais. O resultado foi uma mobilização da comunidade para que se parasse de jogar lixo ali, o que funcionou”, lembra Cleonice.

Sobre o funcionamento do grupo, a professora diz que há uma série de regras disciplinares constituídas conjuntamente, e que o próprio grupo cobra. Somente participam das saídas de campo, passeios e apresentações aqueles e aquelas que possuem frequência em todas as atividades. “Eles se sentem valorizados, importantes, quando entram para o Grupo, sabem que vão aprender mais, e aprendem a apresentar o Atlas, sua região, sua comunidade”, afirma.

Para participar do Grupo é preciso fazer uma inscrição no início do ano letivo. A seleção é feita por critérios de merecimento e se avalia qual a possibilidade da criança permanecer no grupo, conforme seu histórico na escola. Mas Cleonice conta que não se deixa de pensar na inclusão, “não são só os melhores que participam, como muitos alunos que não participam falam. Nós também selecionamos alguns que precisam ser incluídos, precisam aprender a ter mais disciplina em relação aos estudos e mesmo uma vivência de grupo”. Participar do Grupo Amigos do Verde, segundo ela, também garante um certo *status* dentro da escola e da comunidade.

Do ponto de vista pedagógico, a professora diz que é possível perceber que os jovens se tornam mais disciplinados, atenciosos, estudiosos e amadurecidos. “Eles aprendem a ter postura em público, o que vai ajudá-los até na hora de fazer uma entrevista para emprego”, aponta.

A coordenadora pedagógica Rosane Quiroga também faz essa avaliação. “A gente percebe muito claramente a construção de conceitos e valores pelos estudantes. Percebemos que eles têm a consciência de fechar uma torneira que está pingando, por exemplo”. Um caso

que lhe chama a atenção é de um menino pertencente a uma família de analfabetos. Rosane conta que ele entrou na escola com a expectativa do fracasso e com o trabalho de educação ambiental pôde ampliar seus horizontes de vivências, sentindo-se hoje mais sociável, tendo melhorado sua auto-estima e não se vendo mais como um fracassado desde o berço.

Assim, é possível perceber que a educação ambiental é um tema transversal de fato na Escola Judith, não estando presente somente nas aulas de ciências por ser uma obrigação legal a cumprir. Além das aulas de geografia e do grupo de voluntários, a Profa. Cleonice possui um período semanal nas aulas do primeiro ciclo, onde trabalha junto com as professoras as questões ambientais pertinentes aos moradores do Morro da Cruz.

Claro que não são todos os professores que abordam a temática ambiental em suas disciplinas. Os trabalhos curriculares mais sistemáticos são os de geografia, com a Profa. Cleonice, de história, com a Profa. Cristina e de artes com a Profa. Rosane Lopes.

Nas aulas de história, objeto específico desta investigação, a Profa. Cristina trabalha com a história da cidade de Porto Alegre, seu desenvolvimento e os impactos da urbanização ao longo do tempo. É importante observar que o trabalho das aulas de história está diretamente conectado com o conjunto da EA na escola.

CAPÍTULO IV

A HISTÓRIA DA CIDADE NAS PÁGINAS DOS JORNAIS: USO DA INFORMAÇÃO AMBIENTAL EM UMA AULA DE HISTÓRIA

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência específica humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. (FREIRE, 1996, p.110)

Para melhor proceder a análise dos dados obtidos, elegi três categorias: o uso educativo dos meios de comunicação; o uso instrumental dos jornais como recurso didático pedagógico e a formação do saber ambiental. Os elementos que compõem essa análise são as entrevistas, as observações, o projeto elaborado pela professora de história e os materiais utilizados em aula.

Entretanto, é importante falar do projeto desenvolvido por ela nas aulas e da própria forma como as escolas municipais organizam seus currículos. No município de Porto Alegre, o ensino fundamental se dá por ciclos de aprendizagem, organizados conforme a faixa etária dos estudantes, sem entretanto oferecer regramentos engessados nessa classificação. De modo simplificado, os ciclos se organizam da seguinte maneira, conforme explicação da coordenadora pedagógica da Escola Judith, Rosane Quiroga:

- 1º ciclo: são três anos voltados para a alfabetização, que equivale ao Jardim, 1ª e 2ª Séries, e destina-se a crianças de seis a nove anos;
- 2º ciclo: de nove a 12 anos, trabalha a organização do pensamento, se pressupõe que a construção da lectoescrita já esteja consolidada e vai se trabalhar a exploração de idéias e construções matemáticas mais formais, já entrando em áreas específicas no final do ciclo, como história, geografia e

ciências.

- 3º ciclo: para alunos de 12 a 15 anos, abrange as áreas específicas do conhecimento, trabalhando com projetos que contextualizem os conteúdos de cada disciplina.

Assim, cada escola consolida um trabalho voltado para a realidade dos seus públicos e voltado para a construção do pensamento crítico, para além da aquisição formal de conhecimentos escolhidos culturalmente como necessários para a formação. José Clóvis de Azevedo e Andréa Krug, respectivamente secretário municipal de Educação e assessora técnica da Coordenação Pedagógica da Secretaria entre os anos de 1996 e 2000, gestão em que se iniciou o processo de ciclagem das escolas, explicam de forma sucinta os objetivos dos Ciclos de Formação:

A partir da organização dos tempos e espaços da escola, as ações são planejadas e executadas coletivamente, com o objetivo fundamental de garantia de acesso ao conhecimento para todos os alunos e alunas. O *Complexo Temático*, construído através de um tema significativo para a comunidade, selecionado a partir da pesquisa sócio-antropológica realizada pelas professoras e professores, se constitui no instrumento mediador para a construção do conhecimento a partir dos saberes pré-existentes no contexto cultural, onde a escola está inserida. (AZEVEVO; KRUG, 1999, p. 14).

Na prática, a escola define seu modo de trabalho realizando pesquisas com a comunidade para identificar os temas mais presentes no seu cotidiano e a partir daí elabora os projetos a partir dos quais aqueles conhecimentos formais mínimos serão trabalhados em cada ciclo. Na Escola Judith, esse Complexo Temático identificou, entre outros, o meio ambiente como tema importante para a comunidade.

Em seu projeto, a Profa. Cristina se propõe a compreender os processos de urbanização e as transformações do espaço urbano de Porto Alegre. Os objetivos gerais são: aprofundar o estudo da história de Porto Alegre, compreendendo o processo de ocupação e urbanização da cidade; compreender a importância da participação social no desenvolvimento

da cidade; caracterizar a sociedade porto-alegrense a partir da análise da evolução social, cultural e política; contextualizar a posição atual de Porto Alegre no cenário nacional e internacional, discutir a importância da educação para o desenvolvimento da sociedade e identificar os problemas ambientais de Porto Alegre, apontando suas causas e conseqüências, estudando soluções para os mesmos.

O uso instrumental da comunicação como recurso didático-pedagógico

Esse é o uso mais freqüente e facilmente identificado no caso observado. Os jornais e outros suportes de comunicação são constantemente utilizados para fomentar discussões e agregar atualidade aos temas desenvolvidos nas aulas. Em seu projeto, Cristina refere-se a esses suportes em quatro partes distintas, agregados a outros recursos: fotografias e slides de prédios históricos e monumentos da cidade são definidos como meios de operacionalização de seus objetivos específicos; a análise de filmes, documentários e artigos de jornais está entre as metodologias empregadas; a coleta de reportagens e imagens sobre Porto Alegre em jornais e/ou revistas está entre as atividades propostas e filmes, jornais, revistas e documentários estão elencados como recursos. Neste trabalho, vou me ater somente ao uso dos jornais.

Na entrevista¹⁷, Cristina deixa claro que essa é a principal forma de uso dos jornais em suas aulas, identificando os recortes como recurso metodológico inserido em momentos distintos, dependendo de seu planejamento:

Dependendo do que eu planejo, ele [o jornal] pode ser um ponto de partida, ou eu posso começar olhando as ruas antigas e chegar ao jornal que traz uma informação mais atual. Às vezes não tem bastante informação para eu partir dali, então busco outros recursos.

Os motivos apontados por ela para utilizar os jornais residem principalmente na possibilidade de trabalhar com informações atualizadas, portanto próximas ao cotidiano dos

¹⁷ Entrevista realizada na escola, em 14 nov 2003.

estudantes, e por este ser um recurso barato que eles mesmos podem acessar eventualmente e trazer para as aulas.

Numa aula observada, Cristina distribuiu cópias de reportagens sobre o trânsito em Porto Alegre, dividiu a turma em grupos e solicitou que, a partir da leitura das reportagens, identificassem problemas ambientais, suas causas e possibilidades de soluções. A turma passou um período¹⁸ lendo e discutindo sobre os materiais, e foi solicitado que anotassem o resultado das discussões para a elaboração de cartazes.

Martín-Barbero analisa os processos que nos desafiam cotidianamente enquanto pesquisadores da comunicação social no contexto da globalização e aponta as relações entre o sistema educativo e o ambiente educativo difuso e descentralizado em que estamos inseridos como um desses desafios. Para o autor, os jovens estão plenamente identificados com a cultura midiática cada vez mais visual e fragmentada e se adaptam com facilidade à velocidade com que as tecnologias — e poderia se pensar também nos conhecimentos — são trocadas por versões atualizadas em períodos de tempo cada vez mais curtos, o que não acontece com os adultos, que de um modo geral resistem a essa nova cultura que torna obsoletos muitos de seus saberes e capacidades. Assim, “Os meios de comunicação e as tecnologias de informação significam para a escola sobretudo um desafio cultural, que deixa visível a brecha cada dia maior entre a cultura a partir da qual os professores ensinam e aquela outra a partir da qual os alunos aprendem.” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 67). Comunicação e educação, portanto, não podem ser reduzidas ao uso instrumental dos meios, pois assim “[...] fica de fora aquilo que seria estratégico pensar: a inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual — o *ecossistema comunicativo* que constitui o ambiente circundante.” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 67).

No caso estudado, Cristina não se detém nesse uso instrumental, apesar dele constituir-

¹⁸ Cada período letivo possui 50 minutos.

se da forma mais freqüente e também da mais claramente identificada pela própria professora. Seu trabalho não se constitui numa educação para os meios de comunicação, uma vez que seu objetivo não é fomentar nos estudantes uma leitura crítica da comunicação, tampouco ela se detém num olhar crítico que busca identificar imperialismos ou formas de manipulação dos meios de comunicação sobre os receptores. Porém, não se pode dizer que ela tenha um olhar ingênuo sobre a comunicação. Isso é perceptível em sua resposta sobre a forma como seleciona e prepara o material a ser usado em suas aulas, onde ela reconhece que diferentes veículos podem ter diferentes orientações políticas, além de serem formatados de modos distintos em termos de linguagem, diagramação e mesmo das pautas que publicam:

O ideal seria se eu pudesse num dia comprar todos os jornais da cidade e a gente pudesse encontrar lá a mesma notícia.

Cristina procura mostrar essa diversidade aos alunos, estimulando que discutam, além dos problemas ambientais encontrados nas informações dos jornais, a forma como as matérias são elaboradas. Pode-se afirmar que ela possui um olhar crítico sobre esse meio de comunicação, compreendendo minimamente como as notícias são produzidas.

Quando questionada se utiliza informações com as quais não concorda, ela afirma que sim, sendo essa uma forma interessante de fazer com que os alunos reflitam sobre a própria notícia, para além das discussões sobre os processos de urbanização da cidade:

Acontece seguidamente de ter coisas, informações que não são a minha opinião a respeito e eu sempre procuro exercitar com os alunos que eles tenham esse olhar crítico também. Então sempre trabalho com eles assim: vocês não têm que concordar com o que está aqui, mas me argumentem o por quê. Isso não me impede de trabalhar.

Esse exercício de crítica e reflexão já delinea o que, para os estudantes, pode ser uma forma de educação pelos meios de comunicação, e ao ser perguntada se percebe diferença na forma como eles vêm os jornais em relação ao início do trabalho, ela afirma que sim e torna a demonstrar que entende como positiva a diversidade de informações publicadas por diferentes veículos:

Eles ainda são muito ingênuos, mas acho que aprenderam a não acreditar tanto assim no que lêem, sempre desconfiar um pouquinho e pensar mais. Acho que isso já é um progresso legal, nem tudo que está no jornal, numa revista ou mesmo num livro a gente tem que ver como verdade total, todas as coisas têm um outro lado que a gente tem que ver um pouquinho. Daí a importância de um outro jornal, se eu pudesse ter acesso sempre a um outro jornal, uma opinião diversa dava prá fazer melhor essa comparação. Esse jornal está dizendo uma coisa e outro o contrário, quem está certo? Um está certo e outro errado obrigatoriamente? De onde saíram as informações de um e outro?

Na entrevista com o grupo de quatro estudantes da turma observada, esse uso instrumental também pôde ser observado, porque eles afirmam que utilizam as informações ambientais mais nas aulas, não conseguindo identificar um sentido prático cotidiano para elas fora da escola, apesar de fazerem uso dessas informações em suas casas como veremos na análise da formação do pensamento ecológico. De modo geral, eles informaram que buscam eventualmente informações sobre temas relacionados com os conteúdos aprendidos na escola e os discutem com os colegas.

O uso educativo da comunicação

Retomando as reflexões de Cogo (2001) sobre educomunicação, vemos que as possibilidades de interação entre educação e comunicação têm sido estudadas já há várias décadas e se direcionam para um entendimento de que os públicos são capazes de olhar criticamente os produtos culturais que circulam na mídia, sendo, portanto, mais importante educar pela mídia do que para a mídia, reconhecendo que esses produtos culturais trazem em si não somente os discursos da classe hegemônica, mas agregando-lhes possibilidades educativas.

No caso estudado, são perceptíveis dois modos de educação pelos meios de comunicação: a formação da professora e o desenvolvimento do hábito de leitura pelos alunos.

O trabalho com as questões ambientais em sala de aula exigem da Profa. Cristina mais

do que as competências específicas solicitadas ao ensino de história, exige que ela domine um repertório de conceitos, palavras e informações acerca dos principais problemas ambientais da atualidade e especialmente de Porto Alegre. Aqui é que se torna claro o uso educativo dos meios de comunicação, pois quando perguntei de que modo ela busca formação para trabalhar com os temas sócio-ambientais em sala de aula, sua resposta foi que essa formação se dá de maneira autodidata:

É lendo os jornais, as revistas, algum documentário, um programa de televisão. A gente vai coletando essas informações e vai tentando adaptar em sala de aula esses conhecimentos todos.

Mais adiante, ao falar da importância dos meios de comunicação para a sociedade, Cristina os identifica como o lugar onde se divulga o conhecimento produzido, especialmente a imprensa:

Eles são responsáveis por divulgar todo o conhecimento que se produz hoje. Antigamente o acesso a esses conhecimentos não era pra todos, primeiro porque não tinha educação para todos, depois os meios de comunicação eram muito primitivos, até o Gutenberg inventar a imprensa e os livros começarem a ser produzidos de uma outra forma, o conhecimento era propriedade de poucos. Então a imprensa tem esse papel de denunciar, informar, criticar, e de divulgar o conhecimento científico, histórico, os valores sociais e culturais. TV, rádio, revista, jornal – esse mais acessível que as revistas que são mais caras. Se a imprensa não divulgar a gente não fica sabendo, a partir do momento em que aparece na imprensa o tratamento dado ao tema é outro, se tem um outro olhar. Então acho que a responsabilidade da imprensa também é muito grande.

É sabido que os livros didáticos não conseguem acompanhar a velocidade dos acontecimentos e transformações no campo do conhecimento científico, por isso, podemos identificar esses meios de comunicação como fonte importante senão de formação num sentido mais acadêmico, no mínimo de atualização. Assim, as informações e conhecimentos que circulam na mídia possuem um certo sentido e um uso educativo, não só nas escolas como ferramenta didática, mas também para os profissionais da educação.

Cristina identifica a linguagem e a abordagem dos temas sócio-ambientais encontradas nos jornais como um limitador do seu potencial educativo. Ela diz que gostaria que os jornais aprofundassem determinados temas sem, entretanto, empregar uma linguagem

excessivamente técnica ou inacessível para leigos. Quando perguntei qual o olhar dela sobre a informação ambiental nos jornais, esperava que ela me dissesse se considera essas informações corretas, insuficientes, manipuladas ou algo nesse sentido. Em sua resposta, entretanto, Cristina analisa a linguagem e abordagem dos temas:

Acho que poderia ser mais aprofundada, entrar nos aspectos mais científicos e técnicos, sem usar uma linguagem muito complicada, sem usar uma linguagem não acessível, acho que é até por isso que não se aprofunda mais, para não usar uma linguagem técnica, pouco acessível para os leigos. Mas eu acho que podia dar esse aprofundamento, talvez até de uma forma mais didática, para que os professores pudessem aproveitar mais em sala de aula. Muitas vezes eu levo esse material para a sala de aula e tenho que ficar lendo com eles e trocando em miúdos por uma questão do vocabulário, que eles não têm. Isso corta o raciocínio geral, quando tu paras muito uma leitura, o raciocínio vai se perdendo.

Essa análise da linguagem e dos temas abordados pela mídia vai ao encontro das reflexões de André Trigueiro, identificando a linguagem como uma das armadilhas a que os jornalistas estão sujeitos quando lidam com a informação ambiental ou científica:

Sendo a clareza e a objetividade as principais qualidades de um bom texto jornalístico, o desafio é traduzir, sem prejuízo da informação, as descobertas que emergem dos meios acadêmicos e científicos, evitando o risco de ser irritantemente didático e talvez até pedante. Há excessos dos dois lados: o cientificismo trabalha em favor da vaidade intelectual dos que detêm a informação e seguem a velha receita do “falar bem é falar difícil”. [...] Na outra ponta, a simplificação dos conceitos, que facilita a vida do jornalista, pode comprometer a essência da informação que se quer divulgar. (TRIGUEIRO, 2003, p. 78)

Confrontando as reflexões de um profissional da informação com uma receptora dessas informações, fica claro que a linguagem se constitui num complicado entrave a ser enfrentado, desafio que talvez só seja superado com uma outra lógica de produção de informações, não pautada pela velocidade das inovações tecnológicas ou do mercado financeiro; e uma outra ênfase na formação dos profissionais de mídia, mais centrada no exercício do pensamento complexo que no desenvolvimento de aptidões técnicas.

Cristina mostra que compreende a dinâmica de produção de notícias e dá algumas pistas de como a mídia poderia caminhar na solução desse impasse entre a necessidade de informar com rapidez e simplicidade e o desejo de alguns públicos de receber informações

mais completas e complexas:

Acho que tem um papel educativo importante que poderia ser trabalhado de uma forma mais didática para que o professor utilizasse em sala de aula. Claro que não dá prá ser o jornal inteiro assim, mas assuntos como ecologia, patrimônio histórico, questões de educação, poderiam ter um tratamento diferente, não digo todo o dia, toda hora, mas poderia ter um artigo diferente, um espaço mais voltado prá sala de aula, que eu não sei bem como poderia ser, aí é prá quem é do jornalismo pensar. [...] Então de repente se o jornal lembrasse que os professores utilizam aquilo, poderia ter um artigo, uma coluna, um espaço para o professor utilizar em sala de aula, seria legal se tivesse.

Com relação aos jovens estudantes¹⁹, é possível perceber a formação de um público leitor de jornais ou consumidor de informações jornalísticas, que já começam a sistematizar seus modos de ver esses veículos, obviamente guardadas as suas características, gostos e preferências como adolescentes:

E: *Como era o contato de vocês com os jornais antes das aulas da Professora Cristina? Vocês liam com a mesma frequência?*

Marcelo: Sim, com a mesma frequência.

Laura: Eu não. Antes eu não gostava de assistir jornal, agora eu gosto prá me sentir mais por dentro. Eu gosto de assistir o Jornal Nacional e o que dá no Canal 5 meio dia, acho que é o SBT Repórter.

E: *Como vocês selecionam o que vocês vão ler?*

Laura: Eu costumo ler só aquilo que me interessa. Eu não começo a ler uma coisa que não vou gostar, porque não consigo parar, daí eu leio até o fim.

E: *Como tu sabes que vai te interessar?*

Laura: Pelo título. Eu vejo: bom, isso aqui tem a ver comigo, me interessa e eu leio.

E: *E quais são esses assuntos?*

Laura: Eu gosto de ler coisas de adolescência, que dá mais na Zero Hora. Aquilo eu leio tudo, eu gosto.

Marcelo: aqui no Brasil, ao contrário de outros países europeus a população é mais de adolescentes, então as empresas procuram ter mais produtos para os adolescentes.

Lúcia: Eu começo a ler, se eu não gostei passo prá outra.

E: *E o que te faz ler uma matéria até o fim?*

Lúcia: Ah, se eu acho interessante eu leio, se não, não!

O exercício da leitura passa a fazer parte de outras práticas cotidianas com diversas finalidades, desde o prazer de saber quais são os próximos capítulos da novela e as previsões do horóscopo ou o andamento dos campeonatos de futebol, até a utilidade prática de poder tecer comentários em aula atualizando os conteúdos discutidos, mostrando-se mais “espertos”,

¹⁹ A descrição da entrevista e uma reflexão sobre os resultados obtidos de um modo geral estão no Capítulo III.

como Laura mesma afirma. O acesso à informação deixa a sala de aula e se torna um elemento formador de um repertório que começa a se pretender mais intelectual, como observamos na intervenção de Marcelo sobre o mercado consumidor formado pelos adolescentes.

A formação do saber ambiental

No segundo capítulo, falei sobre a constituição de um saber ambiental que ensine a olhar para as coisas do mundo de forma complexa, entendendo seu contexto e conexões, um saber que não se detém no campo filosófico, incluindo saberes tradicionais e práticas cotidianas coerentes com suas reflexões.

Nesse sentido, é possível perceber que os alunos entrevistados estão construindo esse saber ambiental, e arrisco dizer que os alunos da Escola Judith de um modo geral podem estar nesse caminho, se considerarmos que as aulas de história não são um processo isolado. Para além dos temas e conteúdos abordados em aula, eles são capazes de identificar a chamada agenda marrom²⁰ como uma questão ambiental do seu cotidiano, e identificam estas pautas não no principal jornal levado pela professora, um veículo considerado tradicional na cidade, a Zero Hora, mas no Diário Gaúcho, jornal popular editado pelo mesmo grupo.

E: Como vocês identificam a informação ambiental nesses jornais? O que nessas matérias mostra para vocês que o assunto trata de meio ambiente?

Rodrigo: Quando começa a falar, por exemplo em preservação, quando fala em preservação a gente já tem uma idéia.

Marcelo: Quando mostra também algumas figuras de como era antes e a comparação entre uma foto atual e uma antiga, a gente vê as mudanças da transformação no ambiente.

E: E em outros materiais, quais são as coisas que chamam a atenção de vocês e indicam que isso é uma questão ambiental?

Marcelo: Quando nós vemos impacto ambiental, devastação de árvores, do verde local, quando vemos também a construção de prédios.

Rodrigo: Não só quando falamos de árvore, mas quando é alguma coisa que influencia no futuro da gente, porque o futuro da gente está no meio ambiente.

²⁰ Conjunto de temas pertinentes aos ambientes urbanos, como saneamento básico, moradia, coleta e disposição de resíduos.

Lúcia: Chama bastante a atenção as diferenças entre como era antes e agora.

Marcelo: A gente está estudando sobre prédios, a antiga Rua da Praia, a gente vê que há diferença entre como era antes, que o Guaíba chegava até lá, agora tem umas quatro quadras entre a Rua da Praia e a margem.

E: *Vocês costumam ler o Diário Gaúcho?*

Laura: Eu leio todo dia.

Os outros: Sim

E: *E no Diário Gaúcho como vocês identificam problemas de meio ambiente?*

Marcelo: Aparece bastante.

E: *Por exemplo?*

Marcelo: Sobre saneamento básico

Lúcia: Tem os barrancos, por exemplo, também, tem muita casa onde não pode botar. Esses tempos desbarrancou uma casa e demoliu outra, isso saiu no jornal.

Como vimos, essa formação de um pensamento capaz de reconhecer o meio ambiente não somente na flora e fauna é de fundamental importância para a formação de cidadãos capazes de atuar para o desenvolvimento de sociedades sustentáveis. Assim, o trabalho desenvolvido pela Profa. Cristina pode ser identificado como um trabalho de educação ambiental, nos moldes daquele descrito por Edgar Morin e Enrique Leff. Em suas aulas, Cristina aborda os processos de urbanização da sua cidade até chegar ao Morro da Cruz, lugar onde está a escola e bastante próximo da realidade vivida diariamente por seus educandos. Isso faz das suas aulas não o lugar de aprendizado sobre os temas ecológicos, mas um espaço e um tempo de reflexão sobre os problemas do lugar onde eles moram.

Nas aulas observadas, o discurso da professora é de que o desenvolvimento da cidade é necessário, “Não podemos barrar o progresso, podemos?”, pergunta aos seus alunos. “Mas podemos pensar outras formas de levar esse progresso”, completa, instigando-os a pensarem quais as formas de se ter progresso e desenvolvimento sem que isso acarrete todos os problemas identificados nas reportagens lidas em aula.

Na entrevista, os jovens demonstram de que forma esses saberes construídos em aula, não somente através dos jornais, mas a partir fotografias e pesquisas em livros, estão sendo elaborados e transformados em atitudes fora da escola:

E: *O que essas informações que a Professora Cristina traz para sala de aula mudam*

na vida de vocês? Elas têm algum impacto na vida de vocês?

Marcelo: Sim. A gente tem uma conscientização mais sobre as coisas que estão na nossa volta.

Laura: Mostra mais a nossa realidade que a gente vive.

E: *Vocês conseguem levar isso para dentro de casa? Mudar a maneira como os pais agem em relação a esses assuntos?*

Marcelo: Sim, eu tive um ano e meio no início dessas matérias, quando surgiu os Amigos do Verde eu tive uma certa dificuldade. Mas agora eles separam o lixo seco do orgânico. Eu tive um certo êxito agora.

Laura: Na minha casa sim, porque eu falo demais, né. Eu chego em casa e falo tudo que aconteceu, conto nos mínimos detalhes. Tipo o lixo, se eu estou comendo bala e coloco o papel no sofá, lembro que não pode, tenho que dar o exemplo, então eu tenho que levantar e colocar no lixo. Aí quando eles fazem alguma coisa errada eu posso chamar a atenção.

No depoimento de Marcelo e Laura está posta uma das chaves para a construção de sociedades sustentáveis. Eles se apropriam dos aprendizados sobre a responsabilidade com o ambiente e canalizam esses aprendizados em atitudes práticas que acabam influenciando os pais e a comunidade. Assim como o trabalho das trilhas e do reconhecimento do espaço geográfico onde aquela comunidade vive realizado pela Profª. Cleonice, que fez com que a própria comunidade desse fim a um lixão.

CAPÍTULO V

ENSAIANDO UMA CONCLUSÃO E APONTANDO NOVOS CAMINHOS

Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. (BOFF, 1997, p.9)

Chegamos a um tal desenvolvimento da mundialização que a racionalidade ocidental não é mais capaz de responder aos problemas cada vez mais complexos com que nos defrontamos em todos os campos, desde as questões sociais, políticas e econômicas até o ambiente. É preciso uma conversão do olhar que seja capaz de captar a complexidade da vida e, compreendendo que estamos todos conectados, para o bem e para o mal, rever nossa posição em relação às coisas do mundo. Para cumprir tal missão, o saber ambiental forja-se nas lutas por um desenvolvimento socialmente justo e ecologicamente sustentável, apontando para a religação dos saberes científicos com os conhecimentos e práticas tradicionais, respeitando a diversidade das culturas.

Neste trabalho, pude perceber que um desafio para a educação ambiental é conseguir fomentar o pensamento ecológico no ensino formal, capaz de ensinar o complexo, o global, o multidimensional e de formar cidadãos aptos a promoverem mudanças em seus modos de vida, suas forma de gestão e desenvolvimento. Missão árdua para a escola latino-americana já perpassada pelos problemas da miséria, da violência e da falta de esperança. As professoras da Escola Judith, porém, mostram que existem caminhos para enfrentar esse desafio, uma vez que o próprio exercício do olhar complexo, do pensamento ecológico já traz em si todas as reflexões sobre justiça social, paz e solidariedade entre os povos e com a natureza. Ao buscar

transformar as relações da comunidade com o ambiente onde está inserida, a Escola Judith planta sementes de sustentabilidade sintonizadas com a máxima do ambientalismo: pensar globalmente, agir localmente.

Nem todos os estudantes são tocados da mesma forma pela educação ambiental praticada na Escola, mas os resultados colhidos parecem estimulantes: nos depoimentos das professoras muitos estudantes têm melhorado sua auto-estima e têm conseguido colocar-se como sujeitos em uma realidade de pobreza que anula as individualidades e transforma as pessoas em números de saúde pública, violência e desemprego. E parecem também transformar a visão de seus familiares sobre questões as questões discutidas na escola.

As aulas de história da Profa. Cristina são um exemplo de que ambiente não é pauta restrita para os professores de ciências, biologia e geografia. Nas páginas dos jornais que leva para a sala de aula, ela mostra aos seus alunos que o ambiente está onde nós estamos, estuda o processo de ocupação e urbanização da cidade e pergunta que outras maneiras de existem de seguir se desenvolvendo de modo menos predatório, faz, enfim, um exercício de pensamento ecológico. Como as aulas de matemática poderiam fazer isso? E as de português?

Pude ver também que o jornal e outros meios de comunicação possuem duas funções importantes para essa educação: tanto podem servir de suporte para discussões em aula, quanto podem ter um uso educativo, servindo de fonte de atualização e formação da Profa. Cristina para o trabalho com a temática sócio-ambiental. As aulas freqüentes com recortes de jornais também formam um público consumidor de informação que já se mostra bastante crítico e capaz de reconhecer os problemas ambientais no cotidiano da sua própria cidade, onde os problemas de saneamento, habitação e destinação de resíduos são mais próximos que a preservação da vida silvestre — não menos importante por estar distante, mas certamente menos mobilizadora.

Assim, o desafio para o jornalismo que lida com a informação ambiental está em

conseguir traduzir as descobertas científicas aproximando a ecologia do cotidiano das pessoas sem cair na tentação das simplificações comprometedoras da informação a ser transmitida. Além de manter o exercício permanente de abertura das pautas tradicionais como trânsito, saúde e políticas públicas para a inserção do ponto de vista ambiental, que sem dúvida perpassa todas as coisas, já que tudo que fazemos possui impactos sobre o ambiente.

Para além da ligação entre as áreas e a necessária decodificação das mensagens que partem da comunidade ecológica e científica, a comunicação desempenha também um papel educativo, na medida em que, pela comunicação, as pessoas podem acessar informações que, se aceitas como verdadeiras, podem transformar seus olhares sobre determinados problemas e modificar sua maneira de agir e pensar em relação a eles. Estarão os profissionais da comunicação sendo preparados para isso? Desejarão saber dessa responsabilidade? Compartilham dela? Quais os caminhos em direção a práticas de comunicação que não estejam submetidas à velocidade do mercado financeiro, mas conectadas com as necessidades sociais?

Se pesquisar é aventurar-se por mares que desafiam nosso imaginário, suspeito que dessa aventura jamais conhecemos o fim. Ao longo deste semestre tentei encontrar caminhos para acomodar algumas inquietações e eis que esses caminhos me levaram a novas perguntas e curiosidades. E desconfio que basta trocar as lentes ou mirar as mesmas coisas por novos ângulos para, como sugere Leonardo Boff, descobrir ainda outras possibilidades e caminhos.

Este trabalho é, portanto, um caminho escolhido dentre tantas possibilidades para entender como aquilo que será o meu ofício poderá ser visto, compreendido e mesmo recortado e colado por diferentes públicos. Não pretendo chegar a conclusões definitivas, pois isso seria negar o que escrevi páginas atrás sobre aceitar a provisoriedade do conhecimento e a possibilidade permanente do erro e da ilusão apontados tanto por Edgar Morin quanto por Paulo Freire.

Porém, na seara das incertezas, colho com esta pesquisa a esperança de ver uma outra sociedade que consiga produzir a riqueza de forma ecologicamente responsável e permita às populações desfrutar dessa riqueza de forma justa.

REFERÊNCIAS

- BERNA, Vilmar. La percepción de la ecología. In: BACCHETTA, Víctor L. *Ciudadania Planetária: temas y desafíos del peridismo ambiental*. Montevideo: IFEJ; FES, 2000.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BORDENAVE, Juan E. Dias. *O que é comunicação*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma Nova Extensão Rural. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 16-37, jan./mar. 2000.
- CAPRA, Fritjof. Educação. In: TRIGUEIRO, André (org.). *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 19-33.
- COGO, Denise. Da leitura crítica dos meios à educomunicação: convergências possíveis entre comunicação e educação. *Tendências na Comunicação*. Porto Alegre: L&PM, v. 4, p.32-40, 2001.
- COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: _____ (org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.143-156.
- CRESPO, Samyra. Opinião Pública. In: TRIGUEIRO, André (org.). *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 59-73.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. O jornalismo ambiental nos cursos de jornalismo. *Tendências na Comunicação*. Porto Alegre: L&PM, v. 4, p. 58-64, 2001.
- KRUG, Andréa; AZEVEDO, José Clóvis. Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo? In: SILVA, Luiz Heron da (org.). *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p 7-17.
- LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Tradução e transcrição de Sílvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 1995. p 29-68.

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 57-86.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 4 ed. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001a.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra Pátria*. 2 ed. Tradução de Armando Pereira da Silva. Instituto Piaget: Lisboa, 2001.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. Organização de Sueli Tomazini Cassal. Porto Alegre: L&PM, 1999.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. *Meio ambiente e meios de comunicação*. São Paulo: Annablume, 1995.

REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies — an introduction to the interpretation of visual materials*. London: Sage, 2001.

TRIGUEIRO, André (org.). Mídia. In: _____ (org.). *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 54-89.

ANEXO I:
ENTREVISTA COM A PROFESSORA
RITA CRISTINA MENEZES TEIXEIRA

ENTREVISTA COM A PROFESSORA

RITA CRISTINA MENEZES TEIXEIRA

- Por que você resolveu trabalhar com jornais na sala de aula?

Cristina: É um meio de pegar bem atualidade com eles, o jornal tem sempre informações mais atuais e é uma maneira de eles terem mais facilidade de acesso a um material pra trazer pra sala de aula. Sempre tem alguma coisa sobre a história da cidade, por isso eu posso explorar a história e o desenvolvimento urbano da cidade com o jornal - a gente aborda os dois assunto: a história e como se desenvolveu o ambiente, esse espaço urbano da cidade.

- Quando surgiu o interesse em trabalhar com educação ambiental?

Cristina: Foi mais por influência da minha colega de geografia, a Pra. Cleonice. Ela começou com o trabalho, depois que fez o curso do Atlas Ambiental de Porto Alegre, (parceria da UFRGS e PMPA), ficou bem entusiasmada e começou a captar os professores. E aí eu também me engajei no trabalho dela, começou bem como apêndice do trabalho dela. Cleonice trabalha bem o aspecto ecológico diretamente e eu entro nessa questão do urbanismo. Então eu estudo como Porto Alegre cresceu, como esse espaço urbano foi tomando conta, como era antes, gosto de fazer esse trabalho de comparação com fotos de lugares conhecidos hoje, como a Ponte de Pedra, antes e agora. Começamos a ver o impacto da urbanização sobre o meio ambiente.

- Em que ano começou esse trabalho

Cristina: Em 2000, 2001.

- Antes o tema te interessava?

Cristina: sim, mas não de uma forma tão organizada, como agora, que eu tenho meu projeto. A gente sempre procurou trabalhar, de modo informal. Desde que o meio ambiente começou a ser uma coisa muito falada, preocupação de preservar o meio ambiente e tudo o mais. Eu sempre tentei reforçar com os alunos esses cuidados todos. Mas de modo mais formal foi agora quando comecei a trabalhar com a Cleonice, fiz o curso do Atlas Ambiental no ano passado e a tarefa final do curso era elaborar um projeto, então comecei a trabalhar de uma forma mais sistemática. Não diretamente o aspecto ecológico, mas indiretamente, analisando como o espaço urbano é ocupado, como as pessoas ocupam e tratam o espaço. E junto com eles tento levantar algumas alternativas.

- Tu consideras que a Educação Ambiental é realmente um tema transversal na aula de história?

Cristina: Eu acho que sim. Acho que é possível abordar, não digo que necessariamente, ou obrigatoriamente, mas se o professor quiser, ele pode pegar esse viés e fazer sua parte. É possível.

- Além do Curso do Atlas Ambiental, que outras formas tu encontraste para te formar nessa área.

Cristina: é de uma forma muito autodidata, nunca fiz um curso pra trabalhar com Educação Ambiental. É lendo os jornais, as revistas, algum documentário, um programa de televisão. A gente vai coletando essas informações e vai tentando adaptar em sala de aula esses conhecimentos todos.

- Qual teu critério para selecionar o material usado em sala de aula?

Cristina: eu parto do ponto que a gente deve procurar variar o máximo possível, são linguagens diferentes, são ideologias diferentes por trás daquilo, e isso é uma coisa do conhecimento histórico também, a linguagem das entrelinhas, aquilo que está ali mas não está dito, isso é importante. Eu assino um jornal então é de onde eu coeto o material principal, sempre peço pra eles que tragam outros, eles não têm acesso a muita coisa em termos financeiros e eles conseguem trazer basicamente jornais. Revistas é raro, porque é bem mais caro. Acho que a gente tem que variar. O ideal seria se eu pudesse em um dia comprar todos os jornais da cidade e a gente pudesse encontrar lá a mesma notícia. Eu teria de assinar todos os jornais pra eu ler um e outro e fazer essa comparação com eles, mas é difícil.

- Dentre toda a gama de matérias de um jornal, como tu selecionas as matérias:

Cristina: eu começo olhando a primeira á ultima página, depois eu leio as coisas que me interessam, depois, se der tempo ainda de manhã, ou então de noite quando eu chego da aula, é que seleciono, nessa terceira olhada, o que se encaixa com o que eu estou trabalhando agora, ou com coisas que eu esteja planejando. Às vezes é uma questão de trânsito, às vezes é uma árvore que estava para ser cortada e o bairro entrou em pânico, no outro dia saiu que já não iam cortar. São esses três olhares diferentes e no último eu começo a selecionar o que interessa mais para a aula especificamente.

- Como tu te prepara para trabalhar com o jornal em sala de aula?

Cristina: eu trabalho muito baseada na experiência. Eu sei que tem uma coleção, que eu já fui atrás e não consegui, que é Como Trabalhar com Jornal em Sala de Aula. Há vários anos atrás a Zero Hora sempre mandava pra escola uma pilha de jornais e naquele tempo tinha um jornalzinho que vinha junto, não era sempre. A pessoa que coordenava esse projeto foi na escola e eu comentei que eu usava bastante de outra maneira porque eu não dava aula de historia. Ela pediu que eu escrevesse como era e publicou no número seguinte. Então eu comecei assim, baseada na experiência, eu quero comprar esse livro de como usar jornal em aula,

vi uma propaganda na Revista Nova Escola e guardei a referência, mas ainda não consegui encontrar. É na base da tentativa e erro.

- Qual o teu olhar sobre a informação ambiental que aparece nos jornais?

Cristina: acho que poderia ser mais aprofundada, entrar nos aspectos mais científicos e técnicos, sem usar uma linguagem muito complicada, sem usar uma linguagem não acessível, acho que é até por isso que não se aprofunda mais, para não usar uma linguagem técnica, pouco acessível para os leigos. Mas eu acho que podia dar esse aprofundamento, talvez até de uma forma mais didática, para que os professores pudessem aproveitar mais em sala de aula. Muitas vezes eu levo esse material para a sala de aula e tenho que ficar lendo com eles e trocando em miúdos por uma questão do vocabulário, que eles não têm. Isso corta o raciocínio geral, quando tu paras muito uma leitura, o raciocínio vai se perdendo. Então de repente se o jornal lembrasse que os professores utilizam aquilo, poderia ter um artigo, uma coluna, um espaço para o professor utilizar em sala de aula, seria legal se tivesse.

- A informação é um ponto de partida par ao trabalho ou ela oferece também um olhar crítico para os alunos?

Cristina: as duas coisas, dependendo do que eu planejo, ele pode ser um ponto de partida, ou eu posso começar olhando as ruas antigas e chegar no jornal que traz uma informação mais atual. Então a gente vê a Goethe por exemplo, que sempre alaga e questiona por que alaga tanto, como era antes, por que antes não alagava tanto, e eles vão chegar à conclusão que, entre várias coisas, antes também não tinha tanto asfalto. Às vezes não tem bastante informação pra eu partir dali, então busco outros recursos. Eu vario.

- Já aconteceu de tu trazeres algum material pra aula com uma abordagem que tu não concordas? Como tu utiliza esse tipo de material?

Cristina: Acontece seguidamente de ter coisas, informações que não são a minha opinião a respeito e eu sempre procuro exercitar com os alunos que eles tenham esse olhar crítico também. Então sempre trabalho com eles assim: vocês não têm que concordar com o que está aqui, mas me argumentem o por quê. Isso não me impede de trabalhar.

- Um exemplo?

Cristina: ah, não me lembro bem, eu me lembro de um material duma árvore que ia ser cortada e os moradores do bairro não gostaram, daí saiu na Zero Hora, e quando sai na imprensa a história escancara, aí já mudaram de idéia. Eu não concordava muito com a derrubada das árvores, mas não digo minha opinião de cara pra eles não se influenciarem, eu faço eles refletirem e se posicionarem. Eu não deixo de utilizar um material só porque não concordo, na conversa com os alunos eles também vão se posicionar, daí revelo a minha posição. É como arte, eu

digo pra eles, não precisa todo mundo achar lindo. Ninguém tem que concordar com tudo, mas têm que saber argumentar. Utilizo o material pra isso também.

- Em relação à turma, tu sentes alguma diferença no olhar deles em relação ao jornal desde que tu começaste a utilizar o jornal em sala de aula?

Cristina: eles ainda são muito ingênuos, mas acho que aprenderam a não acreditar tanto assim no que lêem, sempre desconfiar um pouquinho e pensar mais. Acho que isso já é um progresso legal, nem tudo que está no jornal, numa revista ou mesmo num livro a gente tem que ver como verdade total, todas as coisas têm um outro lado que a gente tem que ver um pouquinho. Daí a importância de um outro jornal, se eu pudesse ter acesso sempre a um outro jornal, uma opinião diversa dava pra fazer melhor essa comparação, bom esse jornal está dizendo uma coisa e outro o contrário, quem está certo? Um está certo e outro errado obrigatoriamente? De onde saíram as informações de um e outro? Mas eles já têm um pouquinho mais esse cuidado de não formular de cara uma opinião sobre tudo, ver outras fontes.

- Eles têm mais interesse em ver outros materiais?

Cristina: sim, eles gostam bastante. Às vezes dependendo do assunto eu junto material da semana, peço pra algum colega que assina outro jornal, eles mesmos têm mais acesso ao Diário Gaúcho e sempre serve. Eles gostam de ler, folhear, eu deixo eles manusearem também, matar a curiosidade de ver a parte policial, os esportes, depois direciono pro assunto da aula.

- Tu tens trabalhado bastante com a última turma do ensino fundamental, tu trabalhas também com turmas mais jovens?

Cristina: eu trabalho com a turma da manhã, segundo ano do segundo ciclo, 10 anos, equivalente à 4ª série, mas é uma coisa bem mais leve, eles têm outra maturidade, o enfoque deve ser outro, não posso levar todos os textos, porque eles não têm vocabulário suficiente pra isso, mas utilizo de várias maneiras, trabalho bastante com figuras, eles gostam de recortar, colar. Nós montamos um livrinho junto com os Amigos do Verde e eles trouxeram coisas de livros, jornais, iam colando e descreviam embaixo.

- Em relação ao trabalho da escola com um todo em termos de educação ambiental, é possível perceber mudanças nos alunos a partir desse trabalho?

Cristina: na escola não dá pra todos participarem do Amigos do Verde, é um grupo menor. Eles ajudaram a montar a trilha do Morro da Cruz, que faz parte dos roteiros de Porto Alegre, então esses que trabalham mais diretamente, mudam muito as suas atitudes até mesmo em sala de aula em relação a várias outras coisas. Eles têm recaídas, dão um passo pra frente e dois pra trás, mas isso é o ritmo da educação. Em alguns dá pra perceberem o aumento do interesse em estudar.

- Qual é a importância dos meios de comunicação na sociedade?

Cristina: eles são responsáveis por divulgar todo o conhecimento que se produz hoje. Antigamente o acesso a esses conhecimentos não era pra todos, primeiro porque não tinha educação para todos, depois os meios de comunicação eram muito primitivos, até o Gutenberg inventar a imprensa e os livros começarem a ser produzidos de uma outra forma, o conhecimento era propriedade de poucos. Então a imprensa tem esse papel de denunciar, informar, criticar e de divulgar o conhecimento científico, histórico, os valores sociais e culturais. TV, rádio, revista, jornal – esse mais acessível que as revistas que são mais caras. Se a imprensa não divulgar a gente não fica sabendo, a partir do momento em que aparece na imprensa o tratamento dado ao tema é outro, se tem um outro olhar. Então acho que a responsabilidade da imprensa também é muito grande. Os meios de comunicação muitas vezes divulgam de uma maneira que não é a ideal. A televisão é um meio de comunicação muito poderoso, muita coisa do que está lá hoje se pode jogar no lixo, canal aberto ou pago. Tem a questão comercial, a gente sabe, mas há um incentivo de um monte de coisa que não deveriam ser assim para os jovens. Na tevê é uma a verdade, é assim, é este o comportamento da moda, é essa a música da moda.

- Tu consideras que a influência do comercial nos jornais aparece menos que na tevê?

Cristina: eu acho que aparece menos que na tevê. A maneira como é feita a propaganda – o jornal tem que sobreviver de alguma coisa, é óbvio - mas o tratamento é diferente que da tevê. Essa propaganda é importante, ela divulga, ela traz algum conhecimento, mas é bem diferente daquela da tevê, que é mais apelativa. Se a gente fosse falar em quem faz o estrago maior, é a tevê. A propaganda no jornal tem que ter, e a gente quer ver o preço das coisas, em que loja tem, qual a melhor promoção nas lojas, etc.

- Tu consideras que a imprensa tem um papel educativo? Como ele se dá?

Cristina: eu acho que o jornal poderia pensar que determinados assuntos poderiam ter um enfoque até na linguagem pensando no que o professor poderia usar em sala de aula, mas o jornal utiliza mais o educativo pra sociedade. Mesmo o caderno ZH Escola¹ é pra informar as pessoas, não é necessariamente pra eu usar em sala de aula, são notícias sobre educação, é outro enfoque. Acho que tem um papel educativo importante que poderia ser trabalhado de uma forma mais didática para que o professor utilizasse em sala de aula. Claro que não dá pra ser o jornal inteiro assim, mas assuntos como ecologia, patrimônio histórico, questões de educação, poderiam ter um tratamento diferente, não digo todo o dia, toda hora, mas poderia ter um artigo diferente, um espaço mais voltado pra sala de aula, que eu não sei bem como poderia ser, aí é pra quem é do jornalismo pensar.

* Entrevista realizada na escola, em 14 de novembro de 2003.

¹ Suplemento semanal do encartado no jornal Zero Hora

ANEXO II:
ENTREVISTA COM O GRUPO DE ALUNOS

ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES

LAURA, DE 16 ANOS; LÚCIA, DE 15 ANOS; MARCELO E RODRIGO, DE 15 ANOS

- O que vocês acham do trabalho com jornais que a Professora Cristina faz em aula?

Rodrigo: acho que é bom pra gente resgatar mais o passado da cidade.

Marcelo: é legal pra gente descobrir um pouco mais da cidade.

Lúcia: eu acho muito interessante, cada vez a gente fica sabendo mais.

Laura: eu acho legal.

- Que usos vocês fazem dessas informações que ela traz pra sala de aula?

Marcelo: a gente usa mais na escola, além de algum conhecimento geral, tipo o livro que a gente leu, O Crime da Rua do Arvoredo, a gente comenta e debate com os colegas depois.

Laura: como ele falou, a gente usa muito, a gente fica mais esperta, já sabe falar sobre aquele assunto que trabalhou em sala de aula.

- Como vocês identificam a informação ambiental nesses jornais? O que nessas matérias mostra pra vocês que o assunto trata de meio ambiente?

Rodrigo: quando começa a falar, por exemplo em preservação, quando fala em preservação a gente já tem uma idéia.

Marcelo: quando mostra também algumas figuras de como era antes e a comparação entre uma foto atual e uma antiga, a gente vê as mudanças da transformação no ambiente.

- E em outros materiais, quais são as coisas que chamam a atenção de vocês e indicam que isso é uma questão ambiental?

Marcelo: quando nós vemos impacto ambiental, devastação de árvores, do verde local, quando vemos também a construção de prédios.

Rodrigo: não só quando falam de árvore, mas quando é alguma coisa que influencia no futuro da gente, porque o futuro da gente está no meio ambiente.

Lúcia: chama bastante a atenção as diferenças entre como era antes e agora.

Marcelo: a gente está estudando sobre prédios, a antiga Rua da Praia, a gente vê que há diferença entre como era antes, que o Guaíba chegava até lá, agora tem umas quatro quadras entre a Rua da Praia e a margem.

- Com que outros meios de comunicação vocês têm contato diariamente?

Rodrigo: a gente sempre debate, vê um documentário e sempre procura trazer pra sala de aula.

Marcelo: na Internet também; a gente sempre está prestando atenção nos documentários que passam na tevê pra trazer depois pra sala de aula essa informação.

- Quais, por exemplo?

Rodrigo: tipo assim, a gente tava vendo uma teoria sobre a criação do universo e a gente fica debatendo depois.

- E fora do colégio, quais são os meios de comunicação que vocês têm mais contato?

Todos: Televisão

- Quais são os programas que vocês mais gostam de ver?

Marcelo: eu vejo pouca televisão, assisto mais no horário nobre, telejornal. Gosto de ver desenho também, documentários, mas eu assisto pouco.

Rodrigo: tem poucos canais, mas eu gosto daqueles mais ecológicos.

- Tem algum programa que vocês tenham visto que chamou a atenção?

Laura: um programa que eu assisti que chamou a atenção é o Mais Você, da Ana Maria Braga, ela sempre traz coisas diferentes. Me chamou a atenção, faz, um tempinho que ela falou sobre o idoso, e quando a professora fez um trabalho em sala sobre o assunto eu já estava mais esperta.

Marcelo: a gente procura estudar bastante pra ter o conhecimento da matéria pra quando chegar na escola e a professora levantar o assunto a gente poder debater.

- Vocês costumam ler o Diário Gaúcho?

Laura: eu leio todo dia.

Os outros: Sim

- E no DG como vocês identificam problemas de meio ambiente?

Marcelo: aparece bastante.

- Exemplo?

Marcelo: sobre saneamento básico

Lúcia: tem os barrancos, por exemplo, também, tem muita casa onde não pode botar. Esses tempos desbarrancou uma casa e demoliu outra, isso saiu no jornal.

- Como era o contato de vocês com os jornais antes das aulas da Professora Cristina? Vocês liam com a mesma frequência?

Marcelo: sim, com a mesma frequência.

Laura: eu não. Antes eu não gostava de assistir jornal, agora eu gosto pra me sentir mais por dentro. Eu gosto de assistir o Jornal Nacional e o que dá no Canal 5 meio dia, acho que é o SBT Repórter.

- Quais são as coisas que vocês mais têm interesse em ver quando pegam um jornal?

Rodrigo: eu não me interesso muito por essa parte da população, mas me interesso mais pela parte de conhecimento ecológico, essas coisas.

- Qual é a primeira editoria que vocês lêem quando abrem o jornal?

Lúcia: novela.

Marcelo: eu vou ser bem sincero, é a página de esportes.

Laura: eu abro na de signos.

- O que essas informações que a Professora Cristina traz pra sala de aula mudam na vida de vocês? Elas têm algum impacto na vida de vocês?

Marcelo: sim. A gente tem uma conscientização mais sobre as coisas que estão na nossa volta.

Laura: mostra mais a nossa realidade que a gente vive.

- Essas informações mudam as atitudes de vocês? Como?

Rodrigo: o que eu mais tento procurar é o jeito que o cara escreve, depende do jeito que ele fala eu gosto mais.

- E qual é o jeito que mexe mais contigo?

Rodrigo: aquele jeito assim como se estivesse conversando diretamente contigo. Não aquele assim: aconteceu tal tal tal, assim assim assim. Com exemplos, etc.

Marcelo: um dos exemplos que é sempre debatido nas aulas é a questão do lixo, isso já é uma coisa que quando tu vai jogar a tua consciência já se lembra. É uma coisa que quando tu vai jogar fora, tu te lembra, vou esperar mais um pouquinho e jogar no lixo.

- Vocês conseguem levar isso para dentro de casa? Mudar a maneira como os pais agem em relação a esses assuntos?

Marcelo: sim, eu tive um ano e meio no início dessas matérias, quando surgiu os Amigos do Verde eu tive uma certa dificuldade. Mas agora eles separam o lixo seco do orgânico. Eu tive um certo êxito agora.

Laura: na minha casa sim, porque eu falo demais, né. Eu chego em casa e falo tudo que aconteceu, conto nos mínimos detalhes. Tipo o lixo, se eu estou comendo bala e coloco o papel no sofá, lembro que não pode, tenho que dar o exemplo, então eu tenho que levantar e colocar no lixo. Aí quando eles fazem alguma coisa errada eu posso chamar a atenção.

- Vocês sabem como é feito um jornal?

Lúcia: eu já tive aula.

Marcelo: eu sei que quem faz os jornais são os colunistas, mas o processo é mais complexo.

- Se vocês passassem um dia numa redação de jornal e vissem tudo como é feito, isso mudaria a maneira de vocês lerem o jornal?

Rodrigo: eu acho que sim, uma coisa é a gente ver e não saber da onde veio, outra coisa é a gente ver todo o processo de criação e depois olhar de novo, tu não vai ter o mesmo olhar.

- Como foi esse curso, Lúcia?

Lúcia: era em outra escola, no Padre Cornélio, tinha várias oficinas, capoeira, artes. Então eles fizeram uma oficina de jornal, pros mais velhos, de 14 anos. Eu tinha catorze anos. Daí eu não terminei, porque troquei de escola. Eles começaram por aquelas primeiras coisas: onde, por que, quem. Eles deram matérias pequenas pra entrevistar pessoas do morro, a gente entrevistou, fez um jornalzinho e eu achei legal.

Rodrigo: eu acho interessante também o que o colunista coloca nas suas páginas, eu procuro entender o colunista, porque ele abordou aquele assunto, qual a importância dele.

- Depois que vocês satisfazem suas necessidades de ver o esporte, as novelas, quais são os assuntos que mais interessam?

Lúcia: a página policial.

- Por quê?

Lúcia: pra vê se meus parentes estão lá (risos). Ah, porque eu gosto de ver o que aconteceu, se aconteceu alguma coisa aqui onde eu moro.

Laura: eu não, eu volto pro começo e começo a ver tudo de novo.

Marcelo: eu leio os esportes depois eu procuro ler todos os assuntos. Tem dias que um colunista está com um assunto chato, outros que não.

Rodrigo: eu procuro achar aquilo que eu acho que conta pra chamar atenção de um leitor – como é que é aquilo que a gente aprendeu na aula de redação, a primeira parte da redação?

Marcelo: o resumo?

Rodrigo: não, não, a primeira parte dela.

Marcelo: a tese?

Rodrigo: é, tipo a tese. Tal pessoa morreu tal dia em tal lugar, acho que é o que mais atrai o leitor.

Marcelo: tem que ser um resumo bem elaborado pra chamar a atenção, mesmo se o assunto for chato, tem que ter um resumo que chama a atenção.

- E quais são os elementos desse resumo que te chamam a atenção?

Marcelo: depende do assunto.

Rodrigo: aquele que diz tal pessoa morreu, leia mais abaixo, daí chama a atenção.

- Como vocês selecionam o que vocês vão ler até o fim?

Laura: eu costumo ler só aquilo que me interessa. Eu não começo a ler uma coisa que não vou gostar, porque não consigo parar, daí eu leio até o fim.

- E como tu sabes que vai te interessar?

Laura: pelo título. Eu vejo: bom, isso aqui tem a ver comigo, me interessa e eu leio.

- E quais são esses assuntos?

Laura: eu gosto de ler coisas de adolescência, que dá mais na Zero Hora. Aquilo eu leio tudo, eu gosto.

Marcelo: aqui no Brasil, ao contrário de outros países europeus a população é mais de adolescentes, então as empresas procuram ter mais produtos para os adolescentes.

Lúcia: eu começo a ler, se eu não gostei passo pra outra.

- E o que te faz ler uma matéria até o fim?

Lúcia: ah, se eu acho interessante eu leio, se não, não!

- É pelo assunto?

Lúcia: é

* Os nomes dos alunos são fictícios para preservar a identidade dos mesmos.

* Entrevista realizada na escola, em 14 de novembro de 2003.